

- tradução de Jorge Candeias -

A FÚRIA DOS REIS



GEORGE
R.R.
MARTIN



*Para John e Gail,
por tudo o que partilhámos*

PRÓLOGO

A cauda do cometa espalhava-se pela madrugada, um corte vermelho que sangrava por cima dos penhascos de Pedra do Dragão como uma ferida num céu de rosa e púrpura.

O Mestre estava em pé, na varanda varrida pelo vento, do lado de fora dos seus aposentos. Era ali que chegavam os corvos, depois de longos voos. Os excrementos das aves sarapintavam as gárgulas que se erguiam a uma altura de três metros e meio, de ambos os lados, um mastim do inferno e uma viverna, dois exemplares do milhar que cismava empoleirado nas muralhas da antiga fortaleza. Quando chegara a Pedra do Dragão, o exército de grotescas esculturas de pedra costumava deixá-lo incomodado, mas com a passagem dos anos, fora-se-lhes acostumando. Agora, pensava nelas como em velhas amigas. Os três observaram juntos o céu, assaltados por pressentimentos.

O Mestre não acreditava em presságios. E no entanto... apesar de ser tão velho, Cressen nunca vira um cometa com metade do brilho daquele, nem daquela cor, daquela cor terrível, a cor do sangue, da chama e dos ocasos. Perguntou a si próprio se as suas gárgulas já teriam visto algo de semelhante. Já ali estavam longo tempo antes de ele chegar, e ainda lá permaneceriam muito depois de partir. Se línguas de pedra falassem...

Que tontice. Encostou-se às ameias, com o mar a esmagar-se lá em baixo e a pedra negra áspera sob os seus dedos. Gárgulas falantes e profecias no céu. *Sou um velho acabado, tornado de novo leviano como uma criança.* Teria a sabedoria duramente conquistada ao longo de uma vida inteira fugido com a saúde e a força? Era um mestre, treinado e acorrentado na grande Cidadela de Vilavelha. A que ponto chegara, se a superstição lhe enchia a cabeça como se fosse um trabalhador agrícola ignorante?

E no entanto... no entanto... o cometa brilhava agora até de dia, enquanto vapor cinzento-claro se erguia das fumarolas quentes de Monte Dragão, atrás do castelo, e na manhã anterior um corvo branco trouxera notícias da própria Cidadela, notícias há muito esperadas mas não menos temíveis por isso, notícias do fim do Verão. Tudo presságios. Demasiados para serem negados. *Que significa tudo isto?*, quis gritar.

— Mestre Cressen, temos visitantes. — Pylos falou suavemente, como se se sentisse relutante em perturbar as meditações solenes de Cressen. Se conhecesse os disparates que lhe enchiam a cabeça, teria gritado. — A

princesa deseja ver o corvo branco. — Sempre correcto, Pylos chamava-lhe agora *princesa*, visto que o senhor seu pai era um rei. Rei de um rochedo fumegante no grande mar salgado, mas rei de qualquer forma. — Traz consigo o bobo.

O velho virou costas à alvorada, mantendo uma mão pousada sobre a viverna a fim de se equilibrar.

— Ajuda-me a alcançar a cadeira e manda-os entrar.

Tomando-lhe o braço, Pylos levou-o para dentro. Na juventude, Cressen caminhara vivamente, mas agora não estava longe do octogésimo dia do seu nome, e tinha as pernas frágeis e instáveis. Dois anos antes, caíra e partira uma anca, que nunca chegara a sarar bem. No ano anterior, quando adoecera, a Cidadela enviara Pylos de Vilavelha, apenas dias antes de o Lorde Stannis ter encerrado a ilha... para o ajudar nas suas tarefas, dissera-se, mas Cressen sabia a verdade. Pylos viera para o substituir quando morresse. Não se importava. Alguém teria de ocupar o seu lugar, e mais brevemente do que teria preferido...

Deixou que o homem mais novo o acomodasse atrás dos seus livros e papéis.

— Vai buscá-la. É mau deixar uma senhora à espera. — Acenou com uma mão, um frágil gesto de pressa de um homem que já não era capaz de se apressar. Tinha a pele enrugada e manchada, e de tal modo fina e com uma textura de papel que podia ver a teia de veias e a forma dos ossos por debaixo. E agora tremiam, aquelas suas mãos que em tempos tinham sido tão seguras e destros...

Quando Pylos regressou, a rapariga veio com ele, tímida como sempre. Atrás dela, arrastando os pés e saltitando daquela sua estranha maneira oblíqua, veio o bobo. Trazia na cabeça um elmo fingido feito de um velho balde de estanho, com um par de hastes de veado atado ao topo e decorado com badalos. A cada passo deslizante, os badalos soavam, cada um num tom diferente, *clang-a-dang bong-dong, ring-a-ling clong clong clong*.

— Quem nos vem visitar tão cedo, Pylos? — disse Cressen.

— Sou eu e o Malhas, Mestre. — Olhos azuis sem malícia pestanejaram na sua direcção. Infelizmente, o rosto dela não era belo. A menina possuía o queixo quadrado e projectado do senhor seu pai, e as infelizes orelhas da mãe, bem como um desfiguramento só seu, o legado do ataque de escamagris que quase a matara em bebé. Desde a metade inferior da bochecha até bem abaixo no pescoço, tinha a pele rígida e morta, com a cútis estalada e a escamar, manchada de negro e cinzento, semelhando pedra ao toque. — Pylos disse que podíamos ver o corvo branco.

— Realmente podeis — respondeu Cressen. Como se alguma vez lho negasse. A rapariga tinha sofrido negativas demasiado frequentes na

vida. Chamava-se Shireen. Faria dez anos no próximo dia do seu nome, e era a criança mais triste que o Mestre Cressen conhecera. *A sua tristeza é a minha vergonha*, pensou o velho, *outro sinal do meu falhanço*. — Mestre Pylos, fazei-me a gentileza de trazer a ave do viveiro para mostrar à Senhora Shireen.

— O prazer será meu. — Pylos era um jovem bem-educado que não tinha mais de vinte e cinco anos, mas era solene como um homem de sessenta. Se ao menos houvesse nele mais humor, mais *vida*; era isso que fazia aqui falta. Os lugares sombrios necessitavam de ligeireza, não de solenidade, e Pedra do Dragão era indubitavelmente um lugar sombrio, uma cidadela solitária no deserto de água, rodeada por tempestades e sal, com a sombra fumegante da montanha nas traseiras. Um mestre tinha de ir para onde era enviado, e Cressen viera para ali com o seu senhor havia cerca de doze anos, e servira, e servira bem. Mas nunca amara Pedra do Dragão, nem se sentira verdadeiramente em casa ali. Nos últimos tempos, quando acordava de sonhos inquietos, nos quais a mulher vermelha tinha uma participação perturbadora, era frequente não saber onde se encontrava.

O bobo virou a sua cabeça manchada e sarapintada para observar Pylos a trepar os íngremes degraus de ferro que levavam ao viveiro. Os seus badalos soaram com o movimento.

— Debaixo do mar, as aves têm escamas em lugar de penas — disse ele, *clangalangando*. — Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Mesmo para um bobo, o Cara-Malhada era uma coisa digna de dó. Talvez em tempos tivesse sido capaz de arrancar rajadas de gargalhadas com um dito de espírito, mas o mar roubara-lhe esse poder, juntamente com metade da inteligência e toda a memória. Era mole e obeso, vítima de convulsões e tremores, e era mais comum mostrar-se incoerente do que o contrário. A rapariga era a única que agora se ria dele, a única que se importava por ele estar vivo ou morto.

Uma rapariguinha feia e um bobo triste, e com o Mestre faz três... ora aí está uma história boa para pôr os homens a chorar.

— Sentai-vos comigo, filha. — Cressen fez-lhe sinal para se aproximar. — É cedo para vir de visita, pouco passa da alvorada. Devíeis estar aconchegada na cama.

— Tive pesadelos — disse-lhe Shireen. — Com os dragões. Vinham comer-me.

Cressen não se lembrava de a miúda não sofrer de pesadelos.

— Já conversámos sobre isto — disse ele com gentileza. — Os dragões não podem ganhar vida. São esculpidos em pedra, filha. Nos dias de antanho, a nossa ilha era o mais ocidental posto avançado da grande Cidade Livre de Valíria. Foram os valirianos que ergueram esta cidadela, e eles tinham

maneiras de dar forma à pedra que desde então se perderam. Um castelo tem de ter torres sempre que duas muralhas se encontrem num ângulo, para as defender. Os valirianos deram forma de dragões a estas torres para fazer com que a sua fortaleza parecesse mais temível, tal como coroaram as muralhas com um milhar de gárgulas em vez de simples ameias. — Tomou a pequena mão cor-de-rosa da rapariga na sua mão manchada e frágil e deu-lhe um suave apertão. — Por isso, como vedes, nada há a temer.

Shireen não estava convencida.

— Então e a coisa no céu? Dalla e Matrice estavam a conversar junto ao poço, e Dalla disse que ouviu a mulher vermelha dizer à mãe que aquilo é respiração de dragão. Se os dragões estão a respirar, não quer isso dizer que estão a ganhar vida?

A mulher vermelha, pensou amargamente o Mestre Cressen. *Já é suficientemente mau que tenha enchido a cabeça da mãe com as suas loucuras, terá de envenenar também os sonhos da filha?* Teria uma conversa severa com Dalla, preveni-la-ia para não andar a espalhar tais histórias.

— A coisa no céu é um cometa, minha doce menina. Uma estrela com uma cauda, perdida nos céus. Desaparecerá em breve, para não voltar a ser vista no nosso tempo de vida. Esperai e vereis.

Shireen fez um corajoso acenozinho com a cabeça.

— A mãe diz que o corvo branco quer dizer que já não é Verão.

— É verdade, senhora. Os corvos brancos só voam da Cidadela. — Os dedos de Cressen subiram à corrente que lhe rodeava o pescoço, cada elo da qual fora forjado com um metal diferente, cada um simbolizando o seu domínio de mais um ramo do conhecimento; o colar de mestre, a marca da sua ordem. No orgulho da juventude, usara-o com ligeireza, mas agora parecia-lhe pesado e o metal era frio de encontro à sua pele. — São maiores do que os outros corvos, mais inteligentes, e são criados apenas para transportar as mensagens mais importantes. Este veio dizer-nos que o Conclave se reuniu, avaliou os relatórios e as medições feitas pelos mestres por todo o reino, e declarou que este longo Verão finalmente terminou. Durou dez anos, duas rotações e dezasseis dias, o mais longo Verão de que há memória.

— Agora vai ficar frio? — Shireen era uma criança do Verão, e nunca experimentara o verdadeiro frio.

— A seu tempo — respondeu Cressen. — Se os deuses forem bondosos, oferecer-nos-ão um Outono quente e colheitas abundantes para que nos possamos preparar para o Inverno que aí vem. — O povo dizia que um Verão longo significava um Inverno ainda mais longo, mas o Mestre não encontrava motivo para assustar a criança com tais histórias.

Cara-Malhada fez soar os seus badalos.

— É *sempre* Verão debaixo do mar — entoou. — As sereias casadas usam gemirais no cabelo e cosem vestidos de algas de prata. Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Shireen soltou um risinho.

— Eu gostava de ter um vestido de algas de prata.

— Debaixo do mar, neva para cima — disse o bobo — e a chuva é seca como um osso. Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

— Vai mesmo nevar? — perguntou a criança.

— Vai — disse Cressen. *Mas espero que ainda demore anos, e que não neve por muito tempo.* — Ah, ali vem Pylos com a ave.

Shireen soltou um grito de deleite. Até Cressen tinha de admitir que a ave era impressionante, branca como a neve e maior do que qualquer falcão, com os brilhantes olhos negros que significavam que não se tratava de um mero albino mas sim de um corvo branco puro-sangue da Cidadela.

— Aqui — chamou o Mestre. O corvo abriu as asas, deu um salto e bateu-as ruidosamente pela sala até ir pousar na mesa ao lado dele.

— Vou agora tratar do vosso pequeno-almoço — anunciou Pylos. Cressen anuiu com a cabeça.

— Esta é a Senhora Shireen — disse ao corvo. A ave balançou a cabeça para cima e para baixo, como se estivesse a fazer vénias. “*Senhora*”, crocitou. “*Senhora*”.

A boca da criança escancarou-se.

— Ele *fala!*

— Algumas palavras. Como eu disse, estas aves são espertas.

— Ave esperta, homem esperto, bobo esperto, esperto — disse o Cara-Malhada com uma voz desagradável. — Oh, bobo esperto, esperto, esperto. — Desatou a cantar. — *As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor* — cantou, saltitando de um pé para o outro e do outro para o primeiro. — *As sombras vêm ficar, senhor, ficar, senhor, ficar, senhor.* — Inclina a cabeça a cada palavra, fazendo estrondear os badalos presos às hastes.

O corvo branco soltou um grito e voou para longe, indo empoleirar-se no corrimão de ferro das escadas do viveiro. Shireen pareceu encolher-se.

— Ele canta aquilo o tempo todo. Disse-lhe para parar, mas ele não pára. Assusta-me. Fazei com que pare.

E como faço eu isso?, perguntou o velho a si próprio. *Em tempos poderia tê-lo silenciado para sempre, mas agora...*

Cara-Malhada chegara-lhes em rapaz. O Lorde Steffron, de boa memória, encontrara-o em Volantis, do outro lado do mar estreito. O rei — o antigo rei, Aerys II Targaryen, que não era tão louco assim nesses tempos — enviara sua senhoria em busca de uma noiva para o Príncipe Rhaegar, que não tinha irmãs com quem casar. “Encontrámos o mais magnífico dos

bobos”, escrevera a Cressen, uma quinzena antes de ser tempo de regressar da infrutífera missão. “É apenas um rapaz, mas é ágil como um macaco e espirituoso como uma dúzia de cortesãos. Sabe malabarismo, adivinhas e magia e é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas. Comprámos a sua liberdade, e esperamos trazê-lo connosco para casa. Robert ficará deleitado com ele e, com o tempo, talvez até consiga ensinar Stannis a rir.”

Recordar aquela carta enchia Cressen de tristeza. Stannis não fora ensinado a rir por ninguém, muito menos pelo jovem Cara-Malhada. A tempestade chegara de repente, uivando, e a Baía dos Naufrágios provara a verdade do seu nome. A galé de dois mastros do senhor, *Orgulho do Vento*, quebrara-se à vista do castelo. Das varandas, os dois filhos mais velhos tinham observado o navio do pai a ser esmagado de encontro aos rochedos e engolido pelas águas. Uma centena de remadores e marinheiros afundaram-se com Lorde Steffron Baratheon e a senhora sua esposa, e ao longo de vários dias, todas as marés deixavam uma nova colheita de cadáveres inchados na praia por baixo de Ponta Tempestade.

O rapaz dera à costa ao terceiro dia. O Mestre Cressen descera com os outros, a fim de ajudar a atribuir nomes aos mortos. Quando encontraram o bobo, estava nu, com a pele branca e enrugada, e cheia de areia molhada. Cressen julgara que se tratava de mais um cadáver, mas quando Jommy o agarrara pelos tornozelos a fim de o arrastar para o carro funerário, o rapaz tossira água e sentara-se. Até ao dia da sua morte, Jommy jurara que a pele de Cara-Malhada estava fria e pegajosa.

Ninguém conseguira explicar aqueles dois dias que o bobo passara perdido no mar. Os pescadores gostavam de dizer que uma sereia lhe ensinara a respirar água em troca da sua semente. O próprio Cara-Malhada nada dissera. O rapaz espirituoso e inteligente nunca chegara a Ponta Tempestade; o rapaz que encontraram era outra pessoa, quebrado de corpo e de mente, quase incapaz de falar, muito menos de gracejar. Mas a sua cara de bobo não deixava dúvidas sobre quem era. Era costume da Cidade Livre de Volantis tatuar as caras dos escravos e dos servos; do pescoço ao couro cabeludo, a pele do rapaz tinha sido tatuada em quadrados vermelhos e verdes.

— O desgraçado está louco, e com dores, e não tem serventia para ninguém, especialmente para si próprio — declarara o velho Sor Harbert, nesses tempos castelão de Ponta Tempestade. — A coisa mais bondosa que podeis fazer com esse tipo é encher-lhe a taça com o leite da papoila. Um sono sem dor, e acaba tudo. Ele abençoar-vos-ia se tivesse esperteza para isso. — Mas Cressen recusara, e acabara por vencer. Não saberia dizer se Cara-Malhada tinha obtido alguma alegria dessa vitória, nem mesmo agora, tantos anos depois.

— *As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor* — continuou o bobo a cantar, abanando a cabeça e fazendo os badalos ressoar. *Bong dong, ring-a-ling, bong dong.*

“Senhor”, guinchou o corvo branco. “Senhor, senhor, senhor.”

— Um bobo canta o que lhe apetece — disse o Mestre à sua ansiosa princesa. — Tendes de não levar a peito as suas palavras. De manhã, poderá lembrar-se de outra canção, e esta nunca mais será ouvida. — *Ele é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas*, escrevera Lorde Steffron...

Pylos entrou a passos largos.

— Mestre, as minhas desculpas.

— Esqueceste-te das papas — disse Cressen, divertido. Aquilo não era nada de Pylos.

— Mestre, Sor Davos regressou ontem à noite. Estavam a falar disso na cozinha. Achei que querieis saber de imediato.

— Davos... ontem à noite, dizes tu? Onde está ele?

— Com o rei. Passaram juntos a maior parte da noite.

Em tempos idos, Lorde Stannis tê-lo-ia acordado a qualquer hora, para o ter junto a si, a fim de o aconselhar.

— Devia ter sido informado — queixou-se Cressen. — Devia ter sido acordado. — Desprendeu os dedos dos de Shireen. — As minhas desculpas, senhora, mas tenho de falar com o senhor vosso pai. Pylos, dá-me o braço. Há demasiados degraus neste castelo, e parece-me que acrescentam uns quantos todas as noites, só para me aborrecer.

Shireen e Cara-Malhada seguiram-nos, mas a menina rapidamente se cansou do passo rastejante do velho e correu à frente, com o bobo a balançar atrás dela fazendo retinir loucamente os badalos.

Enquanto descia a escada em espiral da Torre do Dragão Marinho, Cressen foi recordado de que os castelos não são lugares amigos dos homens frágeis. Lorde Stannis estaria na Sala da Mesa Pintada, no topo do Tambor de Pedra, a fortaleza central de Pedra do Dragão, assim chamada devido ao modo como as suas paredes antigas estrondeavam e ressoavam durante as tempestades. Para chegar até ele, teria de cruzar a galeria, atravessar as muralhas intermédia e interna com as suas gárgulas de guarda e portões de ferro negro, e subir mais degraus do que queria imaginar. Os jovens trepavam degraus dois a dois; para velhos com ancas em mau estado, cada degrau era um tormento. Mas o Lorde Stannis não pensaria em vir ter com ele, por isso o Mestre resignava-se à provação. Pelo menos tinha Pylos para o ajudar, e por isso sentia-se grato.

Arrastando os pés ao longo da galeria, passaram em frente de uma fileira de altas janelas arqueadas com uma vista privilegiada sobre a muralha exterior e a aldeia piscatória que se erguia mais adiante. No pátio,

arqueiros disparavam contra alvos de treino aos gritos de “Encaixar, puxar, largar”. As setas faziam um som que era como o de um bando de pássaros a levantar voo. Guardas caminhavam pelos adarves, espreitando por entre as gárgulas a hoste acampada lá fora. O ar da manhã estava enevoado com o fumo de fogueiras para cozinhar, num momento em que três mil homens se sentavam para quebrar o jejum sob os estandartes dos seus senhores. Para lá do acampamento, o ancoradouro encontrava-se repleto de navios. Nenhuma embarcação que chegara à vista de Pedra do Dragão ao longo do último ano tinha sido autorizada a voltar a partir. A *Fúria* de Lorde Stannis, uma galé de guerra com três cobertas e trezentos remos, quase parecia pequena ao lado de algumas das carracas e cocas de casco largo que a rodeavam.

Os guardas à porta do Tambor de Pedra conheciam os Meistres e deixaram-nos entrar.

— Espera aqui — disse Cressen a Pylos, lá dentro. — É melhor que fale com ele a sós.

— É uma longa subida, Mestre.

Cressen sorriu.

— Pensas que me esqueci? Subi tantas vezes estes degraus que conheço cada um pelo nome.

A meio da subida, arrependeu-se da decisão. Parara para recuperar o fôlego e aliviar a dor na anca quando ouviu o raspar de botas em pedra e ficou cara a cara com Sor Davos Seaworth, que descia.

Davos era um homem franzino, com o baixo nascimento escrito com clareza num rosto comum. Um manto cinzento desgastado, manchado de sal e maresia e desbotado pelo Sol, envolvia-lhe os ombros estreitos, por cima de um gibão e uns calções castanhos que combinavam com os cabelos e olhos da mesma cor. Uma bolsa de couro gasto pendia-lhe de uma correia passada em volta do pescoço. A sua barba curta estava bem salpicada de cinzento, e usava uma luva de couro na mão esquerda mutilada. Quando viu Cressen, interrompeu a descida.

— Sor Davos — disse o Mestre. — Quando haveis regressado?

— Na escuridão da madrugada. A minha hora preferida. — Dizia-se que ninguém manobrava um navio de noite com metade da destreza de Davos Mão-Curta. Antes de Lorde Stannis o ter armado cavaleiro, fora o mais notório e esquivo contrabandista de todos os Sete Reinos.

— E?

O homem abanou a cabeça.

— É como o prevenistes. Não se levantarão, Mestre. Por ele, não. Não gostam dele.

Não, pensou Cressen. Nem nunca gostarão. Ele é forte, capaz, mesmo...

sim, mesmo para lá da sabedoria... mas não basta. Nunca bastou.

— Falastes com todos?

— Todos? Não. Só os que quiseram encontrar-se comigo. Aqueles bem-nascidos também não gostam de mim. Para eles serei sempre o Cavaleiro das Cebolas. — A mão esquerda cerrou-se, com os dedos curtos a formar um punho; Stannis cortara-lhes as pontas, a todos menos ao polegar. — Partilhei pão com Guilan Swann e com o velho Penrose, e os Tarth consentiram num encontro à meia-noite num bosque. Os outros... bem, Beric Dondarrion desapareceu, alguns dizem que está morto, e Lorde Caron está com Renly. Bryce, o Laranja, da Guarda Arco-Íris.

— A Guarda Arco-Íris?

— Renly criou a sua própria Guarda Real — explicou o antigo contrabandista — mas esses sete não usam o branco. Cada um tem a sua cor. Loras Tyrell é o seu Senhor Comandante.

Era precisamente o tipo de ideia que atrairia Renly Baratheon; uma magnífica nova ordem de cavalaria, com maravilhosos novos atavios para proclamá-la. Mesmo em rapaz, Renly adorara cores brilhantes e tecidos ricos, e também adorara os seus jogos. “Olhai-me!”, gritava enquanto corria às gargalhadas pelos salões de Ponta Tempestade. “Olhai-me, sou um dragão” ou “Olhai-me, sou um feiticeiro” ou “Olhai-me, olhai-me, sou o deus das chuvas”.

O ousado rapazinho com cabelo negro desordenado e risos nos olhos era agora um homem feito, com vinte e um anos, a ainda jogava os seus jogos. *Olhai-me, sou um rei*, pensou tristemente Cressen. *Oh, Renly, Renly, querido filho, saberás o que estás a fazer? E importar-te-ias se soubesses? Haverá alguém que se preocupe com ele além de mim?*

— Que motivos deram os senhores para as recusas? — perguntou a Sor Davos.

— Bem, quanto a isso, alguns deram-me palavras suaves e outros rudes, alguns arranjaram desculpas, outros promessas, outros limitaram-se a mentir. — Encolheu os ombros. — No fim de contas, as palavras não passam de vento.

— Não seríeis capaz de lhe trazer esperança?

— Só do tipo falso, e eu não faria isso — disse Davos. — De mim, ouviu a verdade.

O Mestre Cressen recordou o dia em que Davos fora feito cavaleiro, depois do cerco a Ponta Tempestade. O Lorde Stannis e uma pequena guarnição defenderam o castelo durante quase um ano, contra a grande hoste dos senhores Tyrell e Redwyne. Até o mar lhes estava vedado, vigiado noite e dia por galés dos Redwyne que ostentavam as bandeiras cor de borgonha da Árvore. Dentro de Ponta Tempestade, os cavalos há muito

tinham sido comidos, os cães e os gatos tinham desaparecido, e a guarnição estava reduzida a raízes e ratazanas. Então chegara uma noite em que a Lua era nova e nuvens negras escondiam as estrelas. Envolvido nessa escuridão, Davos, o contrabandista, desafiara o bloqueio Redwyne e os rochedos da Baía dos Naufrágios. O seu pequeno navio tinha casco negro, velas negras, remos negros e um porão apinhado de cebolas e peixe salgado. Era pouco, mas mantivera a guarnição viva durante tempo suficiente para que Eddard Stark chegasse a Ponta Tempestade e quebrasse o cerco.

O Lorde Stannis recompensara Davos com terras de boa qualidade em Cabo da Fúria, uma pequena fortaleza, e o título de cavaleiro... mas também decretara que perdesse uma falange de todos os dedos da mão esquerda, a fim de pagar por todos os seus anos de contrabando. Davos submetera-se, na condição de que fosse o próprio Stannis a manejar a faca; não aceitaria qualquer punição vinda de mãos menores. O senhor usara um cutelo de magarefe, a fim de fazer um corte limpo e completo. Depois, Davos escolhera o nome Seaworth para a sua nova casa, e tomara como estandarte um navio negro em fundo cinzento-claro... com uma cebola desenhada nas velas. O antigo contrabandista gostava de dizer que Lorde Stannis lhe fizera uma mercê, dando-lhe quatro unhas a menos para cortar e limpar.

Não, pensou Cressen, um homem assim não daria falsas esperanças, nem suavizaria uma verdade dura.

— Sor Davos, a verdade pode ser uma golada amarga, mesmo para um homem como Lorde Stannis. Ele só pensa em regressar a Porto Real investido de todo o seu poder, a fim de derrubar os inimigos e reclamar o que é seu de direito. Mas agora...

— Se levar a sua escassa hoste para Porto Real, será apenas para morrer. Não tem homens em número suficiente. Disse-lhe isso, mas conheceis o seu orgulho. — Davos ergueu a mão enluvada. — Os meus dedos voltarão a crescer antes que aquele homem se vergue ao bom senso.

O velho soltou um suspiro.

— Fizestes tudo o que podíeis. Agora devo somar a minha voz à vossa. — Fatigadamente, reatou a subida.

O refúgio de Lorde Stannis Baratheon era uma grande sala redonda com paredes de pedra negra e nua e quatro janelas altas e estreitas que se abriam para as quatro pontas do compasso. No centro do aposento encontrava-se a grande mesa que lhe dava o nome, uma massiva prancha de madeira esculpida às ordens de Aegon Targaryen nos dias anteriores à Conquista. A Mesa Pintada tinha mais de quinze metros de comprimento, talvez metade desse valor em largura, no ponto mais largo, mas menos de metro e vinte no mais estreito. Os carpinteiros de Aegon tinham-lhe dado

a forma das terras de Westeros, serrando cada baía e península até que em nenhuma parte a mesa estivesse direita. Na sua superfície, escurecida por quase trezentos anos de verniz, encontravam-se pintados os Sete Reinos tal como tinham sido na época de Aegon; rios e montanhas, castelos e cidades, lagos e florestas.

Havia uma única cadeira na sala, cuidadosamente posicionada no local preciso que Pedra do Dragão ocupava ao largo da costa de Westeros, e levantada a fim de fornecer uma boa visão do tampo da mesa. Sentado na cadeira encontrava-se um homem vestido com um justilho de couro bem apertado e calções de grosseira lã castanha. Quando o Mestre Cressen entrou, deitou um relance para cima.

— Eu sabia que *vós* viríeis, velho, convocasse-vos ou não. — Não havia sinal de calor na sua voz; raramente havia.

Stannis Baratheon, Senhor de Pedra do Dragão e, pela graça dos deuses, o legítimo herdeiro do Trono de Ferro dos Sete Reinos de Westeros, era largo de ombros e vigoroso de membros, com um retesamento no rosto e na pele que lembrava couro curado ao sol até ficar duro como aço. A palavra que os homens usavam quando falavam de Stannis era *duro*, e ele de facto era duro. Embora ainda não tivesse trinta e cinco anos, só lhe restava na cabeça uma orla de fino cabelo negro, rodeando-lhe a parte de trás das orelhas como a sombra de uma coroa. O irmão, o falecido Rei Robert, deixara crescer uma barba nos seus últimos anos. O Mestre Cressen nunca a vira, mas dizia-se que era uma coisa desordenada, espessa e feroz. Como que em resposta, Stannis mantinha a barba aparada curta. Espalhava-se como uma sombra negra-azulada pelo maxilar quadrado e pelas bochechas secas e ossudas. Os seus olhos eram feridas abertas sob as pesadas sobrancelhas, de um azul tão escuro como o do mar, à noite. A boca teria levado ao desespero o mais truão dos bobos; era uma boca feita para ser franzida e apertada, e para ordens ríspidas, toda ela lábios finos e pálidos e músculos contraídos, uma boca que se esquecera de como se sorria e que nunca soubera como era rir. Por vezes, quando o mundo ficava muito quieto e silencioso de noite, o Mestre Cressen imaginava que conseguia ouvir o Lorde Stannis a ranger os dentes a meio castelo de distância.

— Em tempos, teríeis mandado acordar-me — disse o velho.

— Em tempos, fostes novo. Agora sois velho e doente e precisais de dormir. — Stannis nunca aprendera a suavizar o discurso, a disfarçar ou a lisonjear; dizia o que pensava, e quem não gostasse que se danasse. — Eu sabia que saberíeis em breve o que Davos tinha a dizer. É sempre assim, não é?

— Não vos seria de nenhuma utilidade se assim não fosse — disse Cressen. — Encontrei Davos na escada.

— E ele contou tudo, suponho? Devia ter encurtado a língua do homem junto com os dedos.

— Assim, fraco enviado seria.

— De qualquer forma foi fraco enviado. Os senhores da Tempestade não se levantarão por mim. Parece que não simpatizam comigo, e a justiça da minha causa não significa nada para eles. Os cobardes ficarão quietos atrás das suas muralhas à espera de ver como se ergue o vento e quem é provável que triunfe. Os corajosos já se declararam por Renly. Por *Renly!* — Cuspiu o nome como se fosse veneno que tivesse na língua.

— O vosso irmão tem sido senhor de Ponta Tempestade ao longo destes últimos treze anos. Esses senhores são seus vassalos ajuramentados...

— *Seus* — interrompeu Stannis — quando de direito deviam ser meus. Nunca pedi Pedra do Dragão. Nunca quis este castelo. Tomei-o porque os inimigos de Robert estavam aqui e ele me ordenou que os escorraçasse. Construí a sua frota e fiz o seu trabalho, obediente como um irmão mais novo deve ser para com um mais velho, como Renly devia ser comigo. E quais foram os agradecimentos de Robert? Nomeia-me Senhor de Pedra do Dragão e dá Ponta Tempestade e os seus rendimentos a *Renly*. Ponta Tempestade pertenceu à Casa Baratheon durante trezentos anos; de direito devia ter passado para mim quando Robert tomou o Trono de Ferro.

Era uma velha ofensa, profundamente sentida, e nunca antes tanto como agora. Aqui estava o coração da fraqueza do seu senhor; pois Pedra do Dragão, embora antiga e forte, detinha a lealdade de um punhado apenas de pequenos senhores, cujos domínios pedregosos e insulares tinham uma população demasiado escassa para fornecer os homens de que Stannis necessitava. Mesmo com os mercenários que trouxera do outro lado do Mar Estreito, das Cidades Livres de Myr e Lys, a hoste acampada junto às suas muralhas era muito mais pequena do que necessitava de ser para derrubar o poderio da Casa Lannister.

— Robert fez-vos uma injustiça — respondeu cuidadosamente o Mestre Cressen — mas tinha bons motivos. Pedra do Dragão era há muito a sede da Casa Targaryen. Ele precisava da força de um homem para governar aqui, e Renly era apenas uma criança.

— Ele ainda é uma criança — declarou Stannis, com a ira a ressoar, sonora, no salão vazio —, uma criança ladra que pensa em surripiar-me a coroa da testa. Que fez Renly para ganhar um trono? Senta-se no conselho e troca gracejos com o Mindinho, e nos torneios enverga a sua magnífica armadura e permite que um homem melhor o derrube do cavalo. O meu irmão Renly é isto, o meu irmão que pensa que devia ser um rei. Pergunto-vos, porque me puniram os deuses com *irmãos*?

— Não posso responder pelos deuses.

— Pois a mim parece que nos dias que correm, é raro que respondeis de todo. Quem é o mestre de Renly? Talvez deva mandar buscá-lo, poderei gostar mais dos seus conselhos. Que julgais que este mestre disse quando o meu irmão decidiu roubar-me a coroa? Que conselho terá o vosso colega oferecido àquele traçoeiro sangue do meu sangue?

— Surpreender-me-ia se Lorde Renly procurasse conselhos, Vossa Graça. — O mais novo dos três filhos de Lorde Steffron transformara-se num homem corajoso mas impetuoso, que agia por impulso e não por calculismo. Nisso, tal como em muitas outras coisas, Renly era como o irmão Robert e completamente diferente de Stannis.

— *Vossa Graça* — respondeu Stannis amargamente. — Troçais de mim com o tratamento devido a um rei, mas sou rei de quê? Pedra do Dragão e um punhado de rochedos no Mar Estreito, eis o meu reino. — Desceu os degraus da cadeira e parou junto da mesa, fazendo cair a sombra sobre a foz da Torrente da Água Negra e sobre a floresta pintada onde agora se erguia Porto Real. Ficou ali, a cismar sobre o território que pretendia reclamar, tão perto e no entanto tão longe. — Esta noite devo jantar com os senhores meus vassallos, aqueles que tenho. Celtigar, Velaryon, Bar Emmon, todo o miserável bando. Fraca colheita, em boa verdade, mas são aquilo que os meus irmãos me deixaram. Aquele pirata liseno, Salladhor Saan estará lá com o último total do que lhe devo, e Morosh, o mirano, advertir-me-á com conversas sobre marés e ventanias de Outono, enquanto o Lorde Sunglass resmungava piedosamente acerca da vontade dos Sete. Celtigar quererá saber quantos dos senhores da Tempestade se nos irão juntar. Velaryon ameaçará levar os seus recrutas para casa a menos que atacemos de imediato. Que lhes hei-de dizer? Que devo fazer agora?

— Os vossos verdadeiros inimigos são os Lannister, senhor — respondeu o Mestre Cressen. — Se vós e o vosso irmão fizessem causa comum contra eles...

— Não negociarei com Renly — respondeu Stannis num tom que não admitia discussão. — Pelo menos enquanto ele chamar rei a si próprio.

— Nesse caso, com Renly não — cedeu o Mestre. O seu senhor era teimoso e orgulhoso; quando se decidia a alguma coisa, não havia maneira de o fazer mudar de ideias. — Outros poderão também servir às vossas necessidades. O filho de Eddard Stark foi proclamado Rei no Norte, e tem atrás de si todo o poderio de Winterfell e Correrrio.

— Um rapazinho verde — disse Stannis — e outro falso rei. Deverei aceitar um reino mutilado?

— Certamente que metade de um reino é melhor do que nada — disse Cressen — e se ajudardes o rapaz a vingar o assassinio do pai...

— Porque haveria eu de vingar Eddard Stark? O homem não me era

nada. Oh, o *Robert* adorava-o, com certeza. Adorava-o como a um irmão, quantas vezes ouvi eu isso? *Eu* é que era o irmão dele, não o Ned Stark, mas pela maneira como me tratava, nunca o teríeis adivinhado. Defendi Ponta Tempestade em seu nome, vendo bons homens passar fome enquanto Mace Tyrell e Paxter Redwyne se banquetavam à vista das minhas muralhas. Ter-me-á Robert agradecido? Não. Agradeceu ao *Stark*, por romper o cerco quando estávamos reduzidos a ratazanas e rabanetes. Construí uma frota às ordens de Robert, tomei Pedra do Dragão em seu nome. Ter-me-á pegado na mão e dito, *Muito bem, irmão, que faria eu sem ti?* Não, culpou-me por ter deixado que Willem Derry raptasse Viserys e o bebê, como se eu tivesse podido impedi-lo. Sentei-me no seu conselho durante quinze anos, ajudando Jon Arryn a governar o reino enquanto Robert bebia e frequentava prostitutas, mas quando Jon morreu, será que o meu irmão me nomeou sua Mão? Não, partiu a galope para junto do seu querido amigo Ned Stark, e ofereceu-lhe essa honra. E de pouco valeu a qualquer deles.

— Seja como for, senhor — disse gentilmente o Mestre Cressen —, grandes injustiças foram cometidas contra vós, mas o passado é poeira. O futuro pode ainda ser conquistado se vos juntardes aos Stark. Há outros que também poderíeis sondar. E a Senhora Arryn? Se a rainha lhe assassinou o marido, ela certamente quererá obter justiça. Tem um filho novo, herdeiro de Jon Arryn. Se prometêsseis Shireen ao rapaz...

— O rapaz é fraco e enfermiço — objectou o Lorde Stannis. — Mesmo o pai via como ele era quando me pediu para o criar em Pedra do Dragão. O serviço como pajem poderia ter-lhe feito bem, mas aquela maldita Lannister mandou envenenar o Lorde Arryn antes da coisa feita, e agora Lysa esconde-o no Ninho de Águia. Nunca se separará do rapaz, garanto-vos.

— Então tereis de enviar Shireen para o Ninho de Águia — sugeriu o Mestre. — Pedra do Dragão é um lar lúgubre para uma criança. Deixai que o bobo vá com ela, para que tenha por perto uma cara familiar.

— Familiar e medonha. — Stannis franziu o sobrolho enquanto reflectia. — Mesmo assim... talvez valha a pena tentar...

— Deverá o Senhor de direito dos Sete Reinos suplicar a ajuda de viúvas e usurpadores? — perguntou penetrantemente uma voz de mulher.

O Mestre Cressen virou-se e inclinou a cabeça.

— Minha senhora — disse, desgostoso por não a ter ouvido entrar.

O Lorde Stannis carregou o olhar.

— Eu não suplico. De ninguém. Procura lembrar-te disto, mulher.

— Agrada-me ouvi-lo, senhor. — A Senhora Selyse era tão alta como o marido, com um corpo magro e uma cara magra, orelhas proeminentes, um nariz afiado, e a mais leve sugestão de um bigode no lábio superior.

Arrancava os pêlos todos os dias e amaldiçoava-os regularmente, mas nunca deixavam de regressar. Os seus olhos eram claros, a boca severa, a voz um chicote. Agora, fazia-o estalar. — A Senhora Arryn deve-vos lealdade, tal como os Stark, o vosso irmão Renly e todos os outros. Sois vós o seu rei verdadeiro. Não seria adequado argumentar e negociar com eles aquilo que é vosso por direito, pela graça de deus.

Deus, disse ela, e não *deuses*. A mulher vermelha conquistara-a, de alma e coração, afastando-a dos deuses dos Sete Reinos, tanto os velhos como os novos, para adorar aquele a que chamavam Senhor da Luz.

— O vosso deus pode ficar com a sua graça — disse o Lorde Stannis, que não partilhava a fervente nova fé da mulher. — É de espadas que eu preciso, não de bênçãos. Tereis escondido em algum sítio um exército de que não me tenhais falado? — Não havia afecto no seu tom de voz. Stannis sempre se sentira desconfortável junto das mulheres, até mesmo da sua própria esposa. Quando partira para Porto Real a fim de integrar o conselho de Robert, deixara Selyse em Pedra do Dragão com a filha. As cartas tinham sido escassas, as visitas mais ainda; cumpria o seu dever de marido na cama uma ou duas vezes por ano, mas não retirava disso qualquer prazer, e os filhos que em tempos esperara nunca tinham chegado.

— Os meus irmãos, tios e primos têm exércitos — disse-lhe ela. — A Casa Florent juntar-se-á à vossa bandeira.

— A Casa Florent pode pôr em campo, no máximo, duas mil espadas. — Dizia-se que Stannis conhecia a força de cada Casa dos Sete Reinos. — E vós tendes bastante mais fé nos vossos irmãos e tios do que eu, minha senhora. As terras dos Florent ficam demasiado próximas de Jardim de Cima para que o senhor vosso tio se arrisque a despertar a ira de Mace Tyrell.

— Há outra forma. — A Senhora Selyse aproximou-se. — Olhai pelas vossas janelas, senhor. Ali está o sinal por que esperáveis, estampado no céu. É vermelho, o vermelho da chama, o vermelho do coração flamejante do verdadeiro deus. É o *seu* estandarte... e o vosso! Vede como se desenrola pelos céus como o sopro quente de um dragão, e vós sois Senhor de Pedra do Dragão. Significa que a vossa hora chegou, Vossa Graça. Nada há de mais certo. Estais destinado a zarpar deste rochedo desolado como Aegon, o Conquistador, zarpou um dia, para varrer todos à vossa frente como ele fez. Basta que digais uma palavra, e acolhais o poder do Senhor da Luz.

— Quantas espadas porá o Senhor da Luz nas minhas mãos? — quis de novo saber Stannis.

— Todas as que vos fizerem falta — prometeu a mulher. — As espadas de Ponta Tempestade e de Jardim de Cima, para começar, e de todos os senhores seus vassallos.

— Davos dir-vos-ia outra coisa — disse Stannis. — Essas espadas estão ajuramentadas a Renly. Adoram o meu encantador e jovem irmão como anteriormente adoravam Robert... e como nunca me adoraram a mim.

— Sim — respondeu ela —, mas se Renly morresse...

Stannis olhou para a sua senhora estreitando os olhos, até que Cressen não conseguiu dominar a língua.

— Não se deve pensar em tal coisa. Vossa Graça, sejam quais forem as loucuras que Renly cometeu...

— *Loucuras*? Eu chamo-lhes traições. — Stannis voltou a virar-se para a mulher. — O meu irmão é jovem e forte, e tem uma vasta hoste em seu redor e aqueles seus cavaleiros do Arco-Íris.

— Melisandre estudou as chamas, e viu-o morto.

Cressen ficou horrorizado.

— Fratricídio... senhor, isso é uma *maldade*, impensável... por favor, escutai-me.

A Senhora Selyse deitou-lhe um olhar medido.

— E que lhe diríeis vós, Mestre? Como ele poderá conquistar metade de um reino se for ter com os Stark de joelhos e vender a nossa filha a Lysa Arryn?

— Já ouvi os vossos conselhos, Cressen — disse o Lorde Stannis. — Agora ouvirei os dela. Estais dispensado.

O Mestre Cressen dobrou um joelho rígido. Conseguia sentir os olhos da Senhora Selyse nas suas costas enquanto arrastava lentamente os pés pela sala fora. Quando chegou ao fundo da escada, só com grande dificuldade se conseguia manter de pé.

— Ajuda-me — disse a Pylos.

Depois de estar de novo a salvo nos seus aposentos, Cressen mandou embora o homem mais novo e coxeou até à varanda uma vez mais, para se juntar às suas gárgulas e observar o mar. Um dos navios de guerra de Salladhor Saan passava pelo castelo, com o casco pintado em cores alegres, a abrir as águas cinzentas-esverdeadas enquanto os remos subiam e desciam. Ficou a olhá-lo até que desapareceu atrás de um promontório. *Gostaria que os meus temores desaparecessem assim tão facilmente.* Teria vivido tanto tempo para isto?

Quando um mestre colocava o seu colar, punha de lado a esperança de ter filhos, mas, apesar disso, Cressen sentira-se frequentemente como um pai. Robert, Stannis, Renly... três filhos que educara depois de o mar em fúria ter reclamado o Lorde Steffron. Teria feito tão mau trabalho que agora seria forçado a ver um deles matar o outro? Não podia permiti-lo, não *iria* permiti-lo.

A mulher era a chave. Não a Senhora Selyse, a *outra*. A mulher vermelha, como os criados a apelidaram, com medo de lhe dizer o nome.

— Eu direi o seu nome — disse Cressen ao seu mastim do inferno de pedra. — Melisandre. *Ela*. — Melisandre de Asshai, feiticeira, umbromante, e sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração de Fogo, o Deus da Chama e da Sombra. Melisandre, cuja loucura não podia ser deixada espalhar-se para lá de Pedra do Dragão.

Os aposentos pareciam sombrios e lúgubres depois do brilho da manhã. Com mãos tateantes, o velho acendeu uma vela e levou-a para a sala de trabalho sob a escada do viveiro, onde os seus unguentos, poções e medicamentos se encontravam ordenadamente arrumados nas prateleiras. Na prateleira de baixo, por detrás de uma fileira de bálsamos guardados em atarracadas vasilhas de barro, encontrou um frasco de vidro anil que não era maior do que o seu dedo mindinho. Chocalhava quando o abanava. Cressen soprou uma camada de pó e levou-o para a mesa. Deixando-se cair na cadeira, tirou a rolha de vidro e despejou o conteúdo do frasco. Uma dúzia de cristais, não maiores do que sementes, tamborilaram no pergaminho que estivera a ler. Brilhavam como jóias à luz da vela, de um tom de púrpura tão verdadeiro que o Mestre deu por si a pensar que nunca tinha antes visto realmente a cor.

A corrente em torno do pescoço parecia-lhe muito pesada. Tocou ligeiramente num dos cristais com a ponta do mindinho. *Que pequena é esta coisa para conter o poder da vida e da morte*. Era feito de uma certa planta que crescia apenas nas ilhas do Mar de Jade, a meio mundo de distância. As folhas tinham de ser envelhecidas e embebidas numa loção de visgo, água de açúcar e certas especiarias raras vindas das Ilhas do Verão. Depois podiam ser deitadas fora, mas a poção tinha de ser engrossada com cinza e deixada cristalizar. O processo era lento e trabalhoso, e os ingredientes dispendiosos e difíceis de adquirir. Mas os alquimistas de Lys conheciam-no, bem como os Homens Sem Cara de Bravos... e os mestres da sua Ordem, se bem que não fosse algo de que se falasse para lá das muralhas da Cidadela. O mundo inteiro sabia que um mestre forjava o seu elo de prata quando aprendia as artes curativas... mas o mundo preferia esquecer que os homens que sabiam curar também sabiam matar.

Cressen já não se lembrava do nome que os asshai'i davam à folha, ou os envenenadores de Lys ao cristal. Na Cidadela, era simplesmente chamado "o estrangulador". Dissolvido em vinho, fazia os músculos da garganta de um homem cerrar-se com mais força do que qualquer punho, fechando-lhe a traqueia. Dizia-se que a cara da vítima se tornava tão púrpura como a pequena semente de cristal de onde nascera a sua morte, mas o mesmo acontecia a um homem que sufocasse com um bocado de comida.

E naquela mesma noite, o Lorde Stannis iria oferecer um banquete aos seus vassallos, à senhora sua esposa... e à mulher vermelha, Melisandre de Asshai.

Tenho de descansar, disse o Mestre Cressen a si próprio. *Tenho de estar na posse de todas as minhas forças quando chegar a noite. As minhas mãos não podem tremer, a minha coragem não pode fraquejar. É uma coisa horrível, mas tem de ser feita. Se existirem deuses, certamente me perdoarão.* Tinha andado a dormir tão mal ultimamente. Uma sesta refrescá-lo-ia para a provação que o esperava. Fatigadamente, cambaleou até à cama. Mas quando fechou os olhos, conseguia ainda ver a luz do cometa, vermelha, ferosa e brilhantemente viva por entre a escuridão dos seus sonhos. *Talvez seja o meu cometa*, pensou sonolentemente por fim, mesmo antes de ser tomado pelo sono. *Um presságio de sangue, predizendo o assassínio... sim...*

Quando acordou, era noite cerrada, tinha o quarto negro e cada articulação do seu corpo doía. Cressen sentou-se com esforço, sentindo a cabeça a latejar. Agarrando com força a bengala, pôs-se instavelmente em pé. *Tão tarde*, pensou. *Não me chamaram.* Era sempre chamado para os banquetes, e sentava-se perto do sal, junto de Lorde Stannis. O rosto do seu senhor oscilou na sua frente, não o do homem que era, mas o do rapaz que fora, em pé, ao frio e na sombra, enquanto o Sol jorrava sobre o irmão mais velho. Fizesse o que fizesse, Robert fizera primeiro, e melhor. Pobre rapaz... tinha de apressar-se, a bem *dele*.

O Mestre encontrou os cristais onde os deixara e recolheu-os de cima do pergaminho. Cressen não tinha anéis ociosos, daqueles que se dizia que os envenenadores de Lys preferiam, mas uma miríade de bolsos, grandes e pequenos, tinham sido cosidos do lado de dentro das grandes mangas da sua toga. Escondeu as sementes de estrangulador num deles, abriu a porta com força e chamou:

— Pylos? Onde estás? — Quando não obteve resposta, voltou a chamar, mais alto. — Pylos, preciso de ajuda. — Continuou a não haver resposta. Era estranho; o jovem mestre tinha a cela apenas a meia-volta mais abaixo, na escada, bem ao alcance da sua voz.

Por fim, Cressen foi forçado a chamar os criados.

— Apressai-vos — disse-lhes. — Dormi demasiado. Por esta altura já estão no banquete... a beber... Devia ter sido acordado. — Que teria acontecido ao Mestre Pylos? Realmente não compreendia.

De novo teve de atravessar a longa galeria. Um vento nocturno sussurrava através das grandes janelas, trazendo consigo o cheiro vivo do mar. Archotes tremeluziam ao longo das muralhas de Pedra do Dragão, e no acampamento que se estendia para lá delas, conseguia ver centenas de fogueiras para cozinhar a arder, como se um campo de estrelas tivesse caído

sobre a terra. No alto, o cometa refulgia, vermelho e malévolo. *Sou demasiado velho e sábio para temer coisas destas*, disse o Mestre a si próprio.

As portas que abriam para o Grande Salão tinham sido instaladas na boca de um dragão de pedra. Disse aos criados para o deixarem do lado de fora. Seria melhor entrar só; não devia aparentar fraqueza. Apoiando-se pesadamente na bengala, Cressen subiu o último punhado de degraus e coxeou por baixo dos dentes da entrada. Um par de guardas abriu as pesadas portas vermelhas à sua frente, libertando uma súbita explosão de som e de luz. Cressen penetrou no estômago do dragão.

Por sobre o tinir das facas e dos pratos e do profundo burburinho das conversas de mesa, ouviu o Cara-Malhada a cantar "... *dançar, senhor, dançar, senhor*" acompanhado por badalos sem harmonia. A mesma canção horrível que cantara de manhã. "*As sombras vêm ficar, senhor, ficar, senhor, ficar, senhor.*" As mesas inferiores estavam apinhadas de cavaleiros, arqueiros e capitães de mercenários, desfazendo nacos de pão negro para o ensopar nos seus estufados de peixe. Ali, não havia risos sonoros, nem gritos obscenos como os que desfiguravam a dignidade dos banquetes de outros homens; o Lorde Stannis não permitia tais coisas.

Cressen abriu caminho na direcção da plataforma elevada onde os senhores se sentavam com o rei. Teve de fazer um desvio em volta de Cara-Malhada. Dançando, com os badalos a tocar, o bobo não o viu nem ouviu os seus passos. Enquanto saltitava de uma perna para a outra, Cara-Malhada guinou sobre Cressen, pontapeando a bengala e fazendo-a fugir de debaixo do Mestre. Tombaram juntos sobre as esteiras, num emaranhado de braços e pernas, enquanto uma súbita explosão de riso se ergueu à volta deles. Não havia dúvida de que o espectáculo era cómico.

Cara-Malhada estatelou-se meio por cima do Mestre, com a sua cara tatuada de bobo comprimida contra a de Cressen. Perdera o elmo de estanho com as hastes e badalos.

— Debaixo do mar, caímos para *cima* — declarou. — Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Aos risinhos, o bobo rolou para longe, pôs-se em pé de um salto e executou uma pequena dança.

Tentando tirar o melhor proveito da situação, o Mestre fez um frágil sorriso e esforçou-se para se erguer, mas sentia tantas dores na anca que por um momento chegou a temer tê-la partido de novo. Sentiu-se a ser agarrado por baixo dos braços por mãos fortes que o puseram em pé.

— Obrigado, sor — murmurou, virando-se para ver qual dos cavaleiros viera em sua ajuda...

— Mestre — disse a Senhora Melisandre, com a voz profunda temperada com a música do Mar de Jade. — Devíeis tomar mais cuidado.

— Como sempre, vestia-se de vermelho dos pés à cabeça, com um longo vestido largo de leve seda brilhante como fogo, com longas mangas pendentes e profundos cortes no corpete que deixavam ver relances de um tecido mais escuro, vermelho de sangue, que trazia por baixo. Em torno da garganta, trazia uma gargantilha de ouro vermelho, mais apertada do que qualquer corrente de mestre, ornamentada com um único grande rubi. O cabelo não era da cor alaranjada ou cor de morango dos ruivos comuns, mas de um profundo acobreado lustroso que brilhava à luz dos archotes. Até os seus olhos eram vermelhos... mas a pele era lisa e branca, sem manchas, alva como natas. E era esguia, graciosa, mais alta do que a maior parte dos cavaleiros, com seios fartos, cintura estreita e um rosto em forma de coração. Os olhos dos homens que a encontravam não se afastavam facilmente, nem mesmo os de um mestre. Muitos diziam que era bela. Não era bela. Era vermelha, e terrível, e vermelha.

— Eu... agradeço-vos, senhora.

— Um homem da vossa idade deve ver onde põe os pés — disse cortesmente Melisandre. — A noite é escura e cheia de terrores.

Conhecia a frase, uma prece qualquer da sua fé. *Não importa, eu tenho uma fé própria.*

— Só as crianças temem a escuridão — disse-lhe. Mas mesmo enquanto proferia aquelas palavras, ouviu o Cara-Malhada retomar de novo a sua canção “*As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor.*”

— Ora aí está um mistério — disse Melisandre. — Um bobo esperto e um sábio pateta. — Dobrando-se, ergueu do chão o elmo de Cara-Malhada e colocou-o na cabeça de Cressen. Os badalos ressoaram suavemente quando o balde de estanho lhe deslizou sobre as orelhas. — Uma coroa que combina com a vossa corrente, Senhor Mestre — anunciou ela. A toda a volta, havia homens a rir.

Cressen apertou os lábios e lutou para controlar a ira. Ela pensava que ele era frágil e impotente, mas iria aprender que não era assim antes de a noite acabar. Podia ser velho, mas ainda era um mestre da Cidadela.

— Não necessito de coroa alguma além da verdade — disse-lhe, tirando o elmo do bobo da cabeça.

— Há verdades neste mundo que não se ensinam em Vilavelha. — Melisandre virou-lhe as costas num redemoinho de seda vermelha e abriu caminho de regresso à mesa elevada, onde se encontrava o Rei Stannis e a sua rainha. Cressen entregou o balde de estanho com as hastes a Cara-Malhada, e fez um movimento para a seguir.

O Mestre Pylos estava sentado no seu lugar.

O velho só pôde parar e ficar a olhar.

— Mestre Pylos — disse por fim. — Vós... vós não me haveis acordado.

— Sua Graça ordenou-me que vos deixasse repousar. — Pylos mostrou pelo menos a cortesia de corar. — Disse-me que não éreis necessário aqui.

Cressen observou os cavaleiros, capitães e senhores que se sentavam em silêncio. Lorde Celtigar, idoso e amargo, vestia um manto com um padrão de caranguejos vermelhos realçados com granadas. O bem-parecido Lorde Velaryon escolhera seda verde-mar, com o cavalo-marinho de ouro branco que trazia à garganta a combinar com o seu longo cabelo claro. O Lorde Bar Emmon, esse roliço rapaz de catorze anos, estava coberto de veludo púrpura debruado com pele de foca branca, Sor Axell Florent permanecia modesto mesmo vestido de castanho e de pele de raposa, o piedoso Lorde Sunglass usava selenite na garganta, no pulso e nos dedos, e o capitão liseno Salladhor Saan era um esplendor de cetim escarlate, ouro e jóias. Só Sor Davos se vestia simplesmente, com um gibão castanho e um manto de lã verde, e só Sor Davos lhe enfrentou o olhar, com piedade nos olhos.

— Estais demasiado doente e confuso para me serdes útil, velho. — Soava tanto como a voz de Lorde Stannis, mas não podia ser, não podia. — Daqui em diante, Pylos aconselhar-me-á. Já lida com os corvos, uma vez que já não sois capaz de subir até ao viveiro. Não deixarei que vos mateis ao meu serviço.

O Mestre Cressen pestanejou. *Stannis, meu senhor, meu triste rapaz carrancudo, filho que nunca tive, não podes fazer isto, não sabes como me preocupei contigo, vivi para ti, te amei apesar de tudo? Sim, amei-te, mais até do que a Robert, ou a Renly, pois tu eras o mal-amado, aquele que mais precisava.* Mas tudo o que disse foi:

— Às vossas ordens, senhor, mas... mas tenho fome. Poderia ocupar um lugar à vossa mesa? — *A teu lado, o meu lugar é a teu lado...*

Sor Davos levantou-se do banco.

— Ficaria honrado se o Mestre se sentasse aqui a meu lado, Vossa Graça.

— Como quiserdes. — Lorde Stannis virou-se para dizer qualquer coisa a Melisandre, que se tinha sentado do seu lado direito, no lugar de grande honra. A Senhora Selyse estava à sua esquerda, ostentando um sorriso tão brilhante e anguloso como as suas jóias.

Longe de mais, pensou Cressen, atordoado, olhando para onde Sor Davos estava sentado. Metade dos senhores vassallos interpunha-se entre o contrabandista e a mesa elevada. *Tenho de ficar mais perto dela, se quiser pôr-lhe o estrangulador na taça, mas como?*

O Cara-Malhada andava a cabriolar por ali enquanto o Mestre abria o seu lento caminho em volta da mesa até Davos Seaworth.

— Aqui comemos peixe — declarou o bobo em tom feliz, brandindo um bacalhau como se fosse um ceptro. — Debaixo do mar, os peixes comem-nos a nós. Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Sor Davos deslocou-se para o lado, a fim de arranjar lugar no banco.

— Hoje devíamos estar todos vestidos às cores — disse ele lugubrememente quando Cressen se sentou — pois o que estamos a fazer é coisa de bobo. A mulher vermelha viu vitória nas suas chamas, e portanto Stannis tenciona insistir na sua pretensão, sem se importar com os números. Temo que antes de ela terminar, é provável que todos vejamos o que o Cara-Malhada viu... o fundo do mar.

Cressen enfiou as mãos nas mangas, como se procurasse aquecê-las. Os dedos encontraram as protuberâncias que os cristais faziam na lã.

— Lorde Stannis.

Stannis afastou o olhar da mulher vermelha, mas foi Selyse quem respondeu.

— *Rei* Stannis. Esqueceis-vos do vosso lugar, Mestre.

— Ele é velho, a sua mente divaga — disse-lhe o rei num tom rabugento. — Que se passa, Cressen? Dizei o que estais a pensar.

— Visto que tencionais zarpar, é vital que façais causa comum com o Lorde Stark e a Senhora Arryn...

— Não faço causa comum com ninguém — disse Stannis Baratheon.

— Tal como a luz não faz causa comum com a escuridão. — A Senhora Selyse tomou-lhe a mão.

Stannis concordou com um aceno.

— Os Stark procuram roubar-me metade do reino, tal como os Lannister me roubaram o trono e o meu querido irmão as espadas, servidores e castros que são meus de direito. São todos usurpadores, e são todos meus inimigos.

Perdi-o, pensou Cressen, desesperando. Se ao menos conseguisse de algum modo aproximar-se de Melisandre sem ser visto... não precisava de mais do que de um instante de acesso à sua taça.

— Sois o herdeiro legítimo do vosso irmão Robert, o verdadeiro Senhor dos Sete Reinos, e Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens — disse desesperadamente — mas mesmo assim, não podeis ter esperança de triunfar sem aliados.

— Ele tem um aliado — disse a Senhora Selyse. — R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração do Fogo, o Deus da Chama e da Sombra.

— Os deuses são, na melhor das hipóteses, aliados incertos — insistiu o velho — e *esse* não tem poder algum aqui.

— Julgais que não? — O rubi que Melisandre usava à garganta

capturou a luz quando ela virou a cabeça, e por um instante pareceu brilhar tão luminoso como o cometa. — Se proferis tal tolice, Mestre, devíeis voltar a colocar a vossa coroa.

— Sim — concordou a Senhora Selyse. — O elmo do Malhas. Fica-vos bem, velho. Voltai a colocá-lo, ordeno-vos.

— Debaixo do mar ninguém usa chapéus — disse o Cara-Malhada. — Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Os olhos de Lorde Stannis estavam na sombra das suas pesadas sobrancelhas, e tinha a boca apertada enquanto o maxilar trabalhava em silêncio. Rangia sempre os dentes quando se zangava.

— Bobo — rosnou por fim —, a senhora minha esposa ordena. Dá o elmo a Cressen.

Não, pensou o velho Mestre, este não és tu, não são estes os teus modos, sempre foste justo, sempre duro mas nunca cruel, nunca, não compreendias a troça melhor do que compreendias o riso.

O Cara-Malhada aproximou-se a dançar, fazendo soar os badalos, *clang-a-clang, ding-ding, clinc-clanc-clinc-clanc*. O Mestre ficou sentado, em silêncio, enquanto o bobo lhe depositava o balde guarnecido de hastes na cabeça. Cressen baixou a cabeça com o peso. Os badalos ressoaram.

— Ele daqui para a frente talvez deva cantar os seus conselhos — disse a Senhora Selyse.

— Ides longe de mais, mulher — disse o Lorde Stannis. — É um velho, e serviu-me bem.

E servir-te-ei até ao fim, meu querido senhor, meu pobre filho solitário, pensou Cressen, pois de súbito encontrou uma maneira. Tinha a taça de Sor Davos à sua frente, ainda meio cheia de tinto amargo. Encontrou uma dura lasca de cristal na manga, e apertou-a bem entre o indicador e o polegar enquanto estendia a mão para a taça. *Movimentos tranquilos, hábeis, agora não posso atrapalhar-me,* rezou, e os deuses mostraram-se bondosos. Num piscar de olhos, os dedos ficaram vazios. Havia anos que não tivera as mãos tão firmes, nem com metade da fluidez. Davos viu, mas mais ninguém, tinha a certeza. De taça na mão, pôs-se em pé.

— Talvez tenha sido um tolo. Senhora Melisandre, quereis partilhar comigo uma taça de vinho? Uma taça em honra do vosso deus, o vosso Senhor da Luz? Uma taça para brindar ao seu poder?

A mulher vermelha estudou-o.

— Se quiserdes.

Podia sentir todos a observá-lo. Davos agarrou-o quando se levantou do banco, prendendo-lhe a manga com os dedos que Lord Stannis tinha encurtado.

— Que estais a fazer? — sussurrou.

— Uma coisa que tem de ser feita — respondeu o Mestre Cressen — a bem do reino e da alma do meu senhor. — Sacudiu a mão de Davos, derramando uma gota de vinho nas esteiras.

Encontraram-se sob a mesa elevada, com os olhos de todos os homens postos neles. Mas Cressen só a via a ela. Seda vermelha, olhos vermelhos, o rubi vermelho na garganta, lábios vermelhos encurvados num ténue sorriso quando colocou a mão sobre a dele, em torno da taça. A pele dela pareceu-lhe quente, febril.

— Não é tarde de mais para derramar o vinho, Mestre.

— Não — disse ele com um murmúrio enrouquecido. — Não.

— Como quiserdes. — Melisandre de Asshai tirou-lhe a taça das mãos e bebeu longa e profundamente. Quando a devolveu, restava apenas meio gole de vinho no fundo. — E agora vós.

Cressen tinha as mãos a tremer, mas obrigou-se a ser forte. Um mestre da Cidadela não devia ter medo. Sentiu o vinho amargo na língua. Deixou a taça vazia cair-lhe dos dedos e ir estilhaçar-se no chão.

— Ele *tem* poder aqui, senhor — disse a mulher. — E o fogo purifica. — Na sua garganta, o rubi cintilava, vermelho.

Cressen tentou responder, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta. A sua tosse transformou-se num terrível assobio agudo quando tentou inspirar ar. Dedos de ferro apertaram-se-lhe em torno do pescoço. Quando caiu de joelhos, ainda abanava a cabeça, negando-a, negando o seu poder, negando a sua magia, negando o seu deus. E os badalos retiniam-lhe nas hastes, cantando *tolo, tolo, tolo* enquanto a mulher vermelha o olhava com piedade, e as chamas das velas dançavam nos seus olhos tão, tão vermelhos.

ARYA

Em Winterfell tinham-lhe chamado “Arya Cara-de-Cavalo” e ela pensara que nada podia ser pior, mas isso foi antes de o órfão Lommy Mãos-Verdes a ter alcunhado de “Cabeça-de-Grão”.

A cabeça *parecia* ter grãos quando lhe tocava. Quando Yoren a arrastara para aquele beco, julgara que ele pretendia matá-la, mas o amargo velho limitara-se a segurá-la bem, e a abrir caminho com o punhal pelas suas madeixas emaranhadas. Lembrava-se de como a brisa soprara as mãos-cheias de sujo cabelo castanho sobre as pedras do pavimento, em direção ao septo onde o pai morrerá.

— Estou a levar homens e rapazes da cidade — resmungara Yoren enquanto o aço aguçado lhe raspava a cabeça. — Agora fica quieto, *rapaz*. — Quando terminara, nada tinha na cabeça além de tufo de cabelos cortados curtos.

Mais tarde, dissera-lhe que dali até Winterfell seria Arry, o órfão.

— O portão não há-de ser difícil, mas a estrada é outra coisa. Tens muito caminho a andar em más companhias. Desta vez tenho trinta, homens e rapazes, todos a caminho da Muralha, e não penses que são como aquele teu irmão bastardo. — E abanara-a. — O Lorde Eddard deixou-me escolher nas masmorras, e lá em baixo não encontrei nenhum fidalgo. Estes tipos, metade entregava-te à rainha tão depressa como cospem em troca de um perdão e se calhar umas quantas moedas de prata. A outra metade fazia o mesmo, só que te violava primeiro. Por isso mete-te contigo e verte águas na floresta, sozinha. Isso há-de ser o mais difícil, o xixi, por isso não bebas mais do que precisas.

Deixar Porto Real foi fácil, como ele dissera. Os guardas Lannister ao portão estavam a mandar parar toda a gente, mas Yoren chamou um deles pelo nome e as carroças em que seguiam foram mandadas avançar com um gesto. Ninguém deitou sequer um relance a Arya. Andavam à procura de uma rapariga bem-nascida, filha da Mão do Rei, não de um rapaz magricela com o cabelo cortado. Arya não olhou para trás. Gostaria que a Torrente transbordasse e levasse a cidade inteira, o Fundo das Pulgas, a Fortaleza Vermelha, o Grande Septo, *tudo*, e toda a *gente* também, especialmente o Príncipe Joffrey e a sua mãe. Mas sabia que isso não aconteceria, e, fosse como fosse, Sansa ainda estava na cidade e seria levada também. Quando se lembrou disso, Arya decidiu que o melhor era desejar chegar a Winterfell.

Mas Yoren enganara-se sobre o xixi. Não era a parte mais difícil; a parte mais difícil era Lommy Mãos-Verdes e o Tarte Quente. Órfãos. Yoren pescara alguns das ruas com promessas de comida para as barrigas e sapatos para os pés. O resto, encontrara a ferros.

— A Patrulha precisa de bons homens — dissera-lhes quando se puseram a caminho — mas vós tereis de servir.

Yoren também tirara homens feitos das masmorras, ladrões, caçadores furtivos, violadores e quejandos. Os piores eram os três que encontrara nas celas negras, que até a ele deviam assustar porque os mantinha agrilhoados de pés e mãos na parte de trás de uma carroça, e garantia que os manteria a ferros ao longo de todo o caminho até à Muralha. Um deles não tinha nariz, apresentando apenas um buraco na cara onde o apêndice lhe fora cortado, e o careca gordo com dentes pontiagudos e chagas húmidas nas bochechas tinha uns olhos que nada tinham de humano.

Saíram de Porto Real com cinco carroças, carregadas com abastecimentos para a Muralha: peles e molhos de tecido, barras de ferro-gusa, uma gaiola de corvos, livros, papel e tinta, um fardo de folhamarga, vasilhas de óleo e arcas de medicamentos e especiarias. Parelhas de cavalos de tracção puxavam as carroças, e Yoren comprara dois corcéis e meia dúzia de burros para os rapazes. Arya teria preferido um cavalo verdadeiro, mas o burro era melhor do que seguir numa carroça.

Os homens não lhe prestavam atenção, mas não tinha a mesma sorte com os rapazes. Era dois anos mais nova do que o órfão mais novo, e era também mais pequena e mais magra, e Lommy e o Tarte Quente julgavam que o seu silêncio significava que estava assustada, ou que era estúpida ou surda.

— Olha para aquela espada que o Cabeça-de-Grão ali tem — disse Lommy uma manhã enquanto abriam o seu penoso caminho por entre pomares e campos de trigo. Fora aprendiz de tintureiro antes de ser apanhado a roubar, e tinha os braços pintalgados de verde até ao cotovelo. Quando se ria, zurrava como os burros que montavam. — Onde é que um rato de sarjeta como o Cabeça-de-Grão arranjou uma espada?

Arya mordeu o lábio, carrancuda. Podia ver as costas do manto negro desbotado de Yoren à frente das carroças, mas estava decidida a não ir choramingar para junto dele em busca de ajuda.

— Se calhar é um escudeirozinho — sugeriu o Tarte Quente. A mãe fora padeira até morrer, e ele passara os dias inteiros a empurrar o carrinho de mão pelas ruas, gritando “*Tartes quentes! Tartes quentes!*” — Um escudeirozinho de um senhorzeco, é isso.

— Ele não é escudeiro nenhum, olha p’ra ele. Aposto que aquilo nem

é uma espada de verdade. Aposto que é uma espada de brincar feita de estanho.

Arya detestava que troçassem da Agulha.

— É aço forjado em castelo, seu estúpido — exclamou, virando-se na sela para os olhar —, e é melhor que cales a boca.

Os órfãos assobiaram.

— Onde arranjaste tu uma arma como essa, Cara-de-Grão? — quis saber o Tarte Quente.

— É *Cabeça-de-Grão* — corrigiu Lommy. — O mais certo é que a roubou.

— Não roubei *nada!* — gritou ela. Jon Snow dera-lhe a Agulha. Talvez tivesse de deixar que lhe chamassem *Cabeça-de-Grão*, mas não ia deixar que chamassem ladrão a Jon.

— Se a roubou, podíamos tirá-la — disse o Tarte Quente. — De qualquer maneira não é dele. Eu não me importava de ter uma espada daquelas.

Lommy incitou-o.

— Vá lá, tira-a, não eras capaz.

O Tarte Quente deu com os calcanhares no burro, aproximando-se.

— Eh, *Cabeça-de-Grão*, dá cá essa espada. — Tinha o cabelo da cor da palha e a cara gorda queimada pelo Sol e a descamar. — Não sabes usá-la.

Sei, sim, podia ter dito Arya. Matei um rapaz, um rapaz gordo como tu. Dei-lhe uma estocada na barriga e ele morreu, e mato-te também se não me deixares em paz. Mas não se atreveu. Yoren nada sabia sobre o ajudante de estrebaria, e ela temia o que ele faria se descobrisse. Arya tinha a certeza de que alguns dos outros homens também eram assassinos, os três das grillhetas, seguramente, mas a rainha não andava à procura *deles*, por isso não era a mesma coisa.

— Olha p'ra ele — zurrou Lommy Mãos-Verdes. — Aposto que vai desatar a chorar. Queres chorar, *Cabeça-de-Grão*?

Arya chorara durante o sono na noite anterior, sonhando com o pai. Ao chegar a manhã, acordara de olhos vermelhos e secos, e não teria sido capaz de derramar outra lágrima, nem que a sua vida dependesse disso.

— Vai molhar as calças — sugeriu o Tarte Quente.

— Deixem-no em paz — disse o rapaz com o cabelo negro hirsuto, que cavalgava atrás. Lommy chamara-lhe *Touro*, devido àquele elmo com cornos que tinha e que andava sempre a polir mas nunca usava. Lommy não se atrevia a trocar do *Touro*. Era mais velho, e grande para a idade, com um peito largo e braços de aspecto forte.

— É melhor dares a espada ao Tarte Quente, Arry — disse Lommy.

— O Tarte Quente deseja-a muito. Matou um rapaz ao pontapé. Aposto que vai fazer o mesmo contigo.

— Atirei-o ao chão e pontapeei-o nos tomates, e continuei a pontapeá-lo até estar morto — vangloriou-se o Tarte Quente. — Desfiz o tipo ao pontapé. Ficou com os tomates abertos e sangrentos e a picha preta. É melhor dares-me a espada.

Arya puxou a espada de treino do cinto.

— Podes ficar com esta — disse a Tarte Quente, sem querer lutar.

— Isso é só um pau qualquer. — O rapaz aproximou-se e tentou alcançar o cabo da Agulha.

Arya fez o pau assobiar ao bater com a madeira nos quartos traseiros do burro dele. O animal soltou um zurro e deu um salto, arqueando o dorso e atirando Tarte Quente ao chão. Arya deu meia-volta ao seu burro e espetou o pau na barriga do rapaz quando este se tentava levantar, obrigando-o a voltar a sentar-se com um grunhido. Então, bateu-lhe na cara, e o nariz dele fez um estalido que era como um ramo a partir-se. Sangue escorreu-lhe das narinas. Quando Tarte Quente começou a lamentar-se, Arya virou-se para Lommy Mãos-Verdes, que continuava montado no burro, de boca aberta.

— Também queres um pouco de espada? — gritou, mas ele não queria. Ergueu em frente da cara umas mãos pintadas de verde e guinchou-lhe que se afastasse.

O Touro gritou:

— Atrás de ti — e Arya rodopiou. Tarte Quente estava de joelhos, com o punho a fechar-se em volta de uma grande pedra irregular. Arya deixou que a atirasse, baixando a cabeça quando a pedra passou. Depois saltou-lhe para cima. Ele levantou uma mão e ela bateu-lhe na mão, e depois na cara, e depois no joelho. Ele tentou agarrá-la, e ela afastou-se a dançar e deu-lhe com a madeira na nuca. Ele caiu, levantou-se e tropeçou atrás dela, com a cara vermelha toda manchada de terra e sangue. Arya adoptou uma pose de dançarina de água e esperou. Quando ele chegou suficientemente perto, atirou-lhe uma estocada, mesmo no meio das pernas, com tanta força que se a espada de madeira tivesse uma ponta, ter-lhe-ia saído por entre as nádegas.

Quando Yoren a puxou de cima dele, Tarte Quente estava estatelado no chão, com os calções castanhos e malcheirosos, chorando enquanto Arya lhe batia e voltava a bater.

— *Basta* — rugiu o irmão negro, arrancando-lhe a espada de madeira dos dedos —, queres matar esse palerma? — Quando Lommy e alguns dos outros começaram a chiar, o velho virou-se também para eles. — Calem vocês também as bocas, senão sou eu que as calo. Se vir mais disto, ato-os a

todos atrás das carroças e *arrasto-os* até à Muralha. — Cuspiu. — E isto vai em dobro para ti, Arry. Anda comigo, rapaz. *Já*.

Estavam todos a olhar para ela, até os três acorrentados e agrilhoados na parte de trás da carroça. O gordo fez bater os dentes pontiagudos e *silvou*, mas Arya ignorou-o.

O velho arrastou-a até bem longe, num emaranhado de árvores longe da estrada, praguejando e resmungando o tempo inteiro.

— Se eu tivesse um dedal de bom senso, tinha-te deixado em Porto Real. Estás a ouvir-me, *rapaz*? — Rosnava sempre aquela palavra, dando-lhe peso para que ela ouvisse de certeza. — Desata os calções e puxa-os para baixo. Vá lá, não há aqui ninguém a ver. Faz o que eu digo. — Carrancuda, Arya fez o que ele dizia. — Ali, de encontro ao carvalho. Isso, assim mesmo. — Arya abraçou o tronco e comprimiu a cara contra a madeira rugosa. — Agora, grita. Grita com força.

Não gritarei, pensou Arya teimosamente, mas quando Yoren lhe bateu com o pau na parte de trás das coxas nuas, o guincho saiu de qualquer forma.

— Achas que isso doeu? — disse ele. — Experimenta isto. — O pau caiu a assobiar. Arya voltou a guinchar, agarrando-se à árvore para evitar cair. — Mais uma vez. — Ela agarrou-se bem, mordendo o lábio, estremecendo quando ouviu o pau a chegar. A pancada fê-la saltar e uivar. *Não chorarei*, pensou, *não farei isso. Sou uma Stark de Winterfell, o nosso símbolo é o lobo gigante, os lobos gigantes não choram*. Sentia um estreito regato de sangue a escorrer pela perna esquerda. Sentia as coxas e nádegas em brasa com dores. — Pode ser que agora tenha a tua atenção — disse Yoren. — Da próxima vez que puxares do pau contra um dos teus irmãos, levarás o dobro do que deres, estás a ouvir-me? Agora cobre-te.

Eles não são meus irmãos, pensou Arya enquanto se dobrava para puxar os calções, mas sabia que não o devia dizer. As mãos atrapalharam-se com o cinto e os cordões.

Yoren estava a olhar para ela.

— Dói-te?

Calma como águas paradas, disse ela a si própria, como Syrio Forel lhe ensinara.

— Um bocado.

Ele cuspiu.

— Àquele rapaz das tartes dói mais. Não foi ele que te matou o pai, menina, nem o ladrão do Lommy. Bater-lhes não o vai trazer de volta.

— Eu sei — resmungou Arya, carrancuda.

— Aqui tens uma coisa que não sabes. Aquilo não era suposto acontecer como aconteceu. Tava pronto a abalar, com as carroças compradas e

carregadas, e chega um homem com um rapaz p'ra mim, uma bolsa de dinheiro e uma mensagem, nã me perguntes de quem. O Lorde Eddard deve vestir o negro, diz-me ele, espera, ele vai contigo. Porque achas tu que eu 'tava lá? Só que alguma coisa correu mal.

— *Joffrey* — exclamou Arya. — Alguém o devia matar a *ele*!

— Alguém há-de matar, mas nã há-de ser tu nem eu. — Yoren atirou-lhe de volta a espada de madeira. — Há folhamarga nas carroças — disse enquanto regressavam à estrada. — Mastiga um bocado, que te ajuda com o ardor.

De facto ajudou, um pouco, embora soubesse mal e lhe deixasse o cuspo parecido com sangue. Mesmo assim, seguiu o resto do dia a pé, e o dia seguinte e o outro a seguir a *esse*, demasiado dorida para se sentar num burro. Tarte Quente estava pior; Yoren teve de mudar algumas barricas de lugar para que se pudesse deitar na parte de trás de uma carroça em cima de umas sacas de cevada, e choramingava de cada vez que as rodas batiam numa pedra. Lommy Mãos-Verdes não estava sequer magoado, mas mantinha-se o mais afastado de Arya que era capaz.

— De todas as vezes que olhas para ele, encolhe-se — disse-lhe o Touro enquanto caminhava ao lado do seu burro. Não respondeu. Parecia ser mais seguro não falar com ninguém.

Naquela noite, ficou deitada sobre a sua manta fina no chão duro, fitando o grande cometa vermelho. O cometa era magnífico e assustador ao mesmo tempo. “A Espada Vermelha”, tinha-lhe chamado o Touro; dizia que se assemelhava a uma espada, com a lâmina ainda incandescente da forja. Quando Arya o olhava de soslaio da maneira certa, também conseguia ver a espada, mas não era uma espada nova, era Gelo, a espada longa do pai, toda feita de ondulado aço valiriano, e o vermelho era o sangue de Lorde Eddard na lâmina depois de Sor Ilyn, o Magistrado do Rei, lhe ter cortado a cabeça. Yoren obrigara-a a afastar o olhar quando aquilo acontecera, mas parecia-lhe que o aspecto do cometa era como o que a espada devia ter tomado, depois.

Quando por fim adormeceu, sonhou com o lar. A Estrada do Rei serpenteava junto a Winterfell a caminho da Muralha, e Yoren prometera-lhe que a deixaria lá sem que ninguém ficasse a saber nada sobre quem era. Ansiava por voltar a ver a mãe, e Robb, Bran e Rickon... mas era em Jon Snow que mais pensava. Desejava que de algum modo pudessem chegar à Muralha *antes* de Winterfell, para que Jon pudesse despentear-lhe o cabelo e chamar-lhe “irmãzinha”. Dir-lhe-ia “tive saudades tuas”, e ele diria o mesmo no mesmo instante, do modo como costumavam sempre dizer as coisas juntos. Teria gostado disso. Teria gostado mais disso do que de qualquer outra coisa.

SANSA

O dia do nome do Rei Joffrey amanheceu luminoso e ventoso, com a longa cauda do grande cometa visível por entre nuvens altas e rápidas. Sansa observava-a da sua janela de torre quando Sor Arys Oakheart chegou para a escoltar até ao campo de torneios.

— Que pensais que significa? — perguntou-lhe.

— Glória para o vosso prometido — respondeu Sor Arys de imediato.

— Vede como flameja pelo céu hoje, no dia do nome de Sua Graça, como se os próprios deuses tivessem içado um estandarte em sua honra. O povo chamou-lhe o Cometa do Rei Joffrey.

Sem dúvida era isso que diziam a Joffrey; Sansa não tinha grande certeza de que fosse verdade.

— Ouvi criados chamar-lhe a Cauda do Dragão.

— O Rei Joffrey ocupa o lugar ocupado em tempos por Aegon, o Dragão, no castelo construído pelo seu filho — disse Sor Arys. — É ele o herdeiro do dragão... e o carmim é a cor da Casa Lannister, outro sinal. Este cometa foi enviado para anunciar a ascensão de Joffrey ao trono, não tenho qualquer dúvida. Significa que triunfaremos sobre os seus inimigos.

Será verdade?, perguntou Sansa a si própria. *Seriam os deuses tão cruéis assim?* A mãe era agora um dos inimigos de Joffrey, o irmão Robb outro. O pai morrera por ordem do rei. Deveriam Robb e a senhora sua mãe morrer em seguida? O cometa *era* vermelho, mas Joffrey era tanto Baratheon como Lannister, e o símbolo Baratheon era um veado negro em fundo dourado. Não deveriam os deuses ter mandado a Joff um cometa dourado?

Sansa fechou as portadas e virou vivamente costas à janela.

— Estais adorável hoje, minha senhora — disse Sor Arys.

— Obrigada, sor. — Sabendo que Joffrey lhe exigiria que comparecesse ao torneio organizado em sua honra, Sansa tomara especial cuidado com o seu rosto e vestuário. Usava um vestido de seda de cor púrpura-clara, e uma rede para o cabelo de pedra-lua que fora presente de Joffrey. O vestido tinha mangas compridas para esconder as nódoas negras que trazia nos braços. Esses também eram presentes de Joffrey. Quando lhe disseram que Robb tinha sido proclamado Rei no Norte, a sua ira fora terrível, e mandara Sor Boros bater-lhe.

— Vamos? — Sor Arys ofereceu-lhe o braço e ela deixou que a levasse

dos seus aposentos. Se tinha de ter um membro da Guarda Real a seguir-lhe os passos, preferia que fosse ele. Sor Boros possuía um temperamento irritável, Sor Meryn era frio e os estranhos olhos mortos de Sor Mandon deixavam-na pouco à-vontade, enquanto Sor Preston a tratava como uma criança estúpida. Arys Oakheart era cortês, e falava-lhe cordialmente. Uma vez até levantou objecções quando Joffrey lhe ordenara que lhe batesse. Acabara por bater-lhe, mas não com tanta força como Sor Meryn ou Sor Boros teriam feito, e pelo menos discutira. Os outros obedeciam sem questionar... excepto o Cão de Caça, mas Joff nunca pedia ao Cão de Caça para a punir. Para isso usava os outros cinco.

Sor Arys possuía cabelo castanho-claro e um rosto que não era desagradável de contemplar. Hoje apresentava uma figura ferosa, com o manto de seda branca preso ao ombro por uma folha dourada, e um grande carvalho bordado no peito da sua túnica em brilhante fio de ouro.

— Quem julgais que conquistará as honras do dia? — perguntou Sansa enquanto desciam os degraus de braço dado.

— Eu — respondeu Sor Arys, sorrindo. — Mas temo que o triunfo não tenha sabor. Esta será uma competição pequena e pobre. Não mais de duas vintenas entrarão na liça, incluindo escudeiros e cavaleiros livres. Pouca honra se conquista derrubando rapazinhos verdes.

Sansa reflectiu que o último torneio fora diferente. O Rei Robert organizara-o em honra do pai. Grandes senhores e campeões afamados tinham vindo de todo o reino para competir, e a cidade inteira viera assistir. Recordava o esplendor: o parque de pavilhões ao longo do rio, com o escudo de um cavaleiro pendurado em frente de cada porta, as longas fileiras de flâmulas de seda a esvoaçar ao vento, o brilho do Sol em aço cintilante e esporas douradas. Os dias ressoaram ao som das trompetas e de cascos de cavalos, e as noites tinham-se enchido de banquetes e canções. Aqueles tinham sido os dias mais mágicos da sua vida, mas agora pareciam uma recordação de uma outra era. Robert Baratheon estava morto, e o pai também, decapitado como traidor nos degraus do Grande Septo de Baelor. Agora havia três reis no terreno, e a guerra assolava o Tridente, enquanto a cidade se enchia de homens desesperados. Pouco surpreendia que tivessem tido de montar o torneio de Joff atrás das espessas muralhas de pedra da Fortaleza Vermelha.

— Julgais que a rainha comparecerá? — Sansa sentia-se sempre mais segura quando Cersei estava presente para refrear o filho.

— Temo que não, senhora. O conselho está reunido, algum assunto urgente. — Sor Arys baixou a voz. — Lorde Tywin instalou-se em Harrenhal em vez de trazer o seu exército para a cidade como a rainha ordenou. Sua Graça está furiosa. — Ficou em silêncio enquanto uma coluna de guardas

Lannister passava por eles a marchar, vestidos com mantos carmesim e elmos encimados por leões. Sor Arys apreciava mexericos, mas só quando tinha a certeza de que ninguém o estava a ouvir.

Os carpinteiros tinham erigido uma galeria e uma liça entre as muralhas. Era realmente coisa pobre e a magra afluência que viera assistir não enchia mais do que metade dos lugares. A maior parte dos espectadores eram guardas de mantos dourados da Patrulha da Cidade ou de mantos carmesim da Casa Lannister; senhores e senhoras não eram mais do que um punhado insignificante, a mão-cheia que permanecia na corte. Lorde Gyles Rosby, com a sua cara cinzenta, tossia para dentro de um quadrado de seda cor-de-rosa. A Senhora Tanda rodeava-se com as filhas, a plácida e aborrecida Lollys e a Falyse da língua ácida. Jalabhar Xho, de pele de ébano, era um exilado que não tinha nenhum outro refúgio, e a Senhora Ermesande um bebé, sentado ao colo da ama-de-peito. Segundo se dizia, ela deveria ser casada em breve com um dos primos da rainha, para que os Lannister pudessem reclamar as suas terras.

O rei estava protegido do Sol por uma abóbada carmesim, com uma perna atirada negligentemente sobre o braço de madeira esculpida da cadeira. A Princesa Myrcella e o Príncipe Tommen encontravam-se sentados atrás dele. Nas traseiras do camarote real, Sandor Clegane montava guarda, descansando as mãos no cinto da espada. Tinha o manto branco da Guarda Real enrolado sobre os ombros largos e preso com um broche cravejado de jóias. O pano branco como a neve parecia de certo modo pouco natural sobre a sua túnica castanha de tecido grosseiro e justilho de couro guarnecido com tachões.

— Senhora Sansa — anunciou secamente o Cão de Caça quando a viu. A sua voz era áspera como o som de uma serra na madeira. As cicatrizes de queimaduras no seu rosto faziam com que um dos lados da boca se torcesse quando falava.

A Princesa Myrcella fez um tímido aceno de saudação ao ouvir o nome de Sansa, mas o pequeno e roliço Príncipe Tommen saltou, cheio de entusiasmo.

— Sansa, já te disseram? Hoje devo participar no torneio. A mãe disse que podia. — Tommen não tinha mais de oito anos. Fazia-lhe lembrar o irmão mais novo, Bran. Eram da mesma idade. Bran estava em Winterfell, aleijado, mas em segurança.

Sansa teria dado qualquer coisa para estar com ele.

— Temo pela vida do vosso inimigo — disse solenemente a Tommen.

— O inimigo dele estará estofado com palha — disse Joff quando se pôs de pé. O rei trajava uma placa de peito dourada com um leão rugidor

gravado no peito, como se esperasse que a guerra o submergisse a qualquer momento. Fazia naquele dia treze anos, e era alto para a idade, com os olhos verdes e cabelo dourado dos Lannister.

— Vossa Graça — disse ela, fazendo uma vénia.

Sor Arys fez também uma vénia.

— Peço que me perdoeis, Vossa Graça. Tenho de me ir equipar para a liça.

Joffrey mandou-o embora com um aceno brusco enquanto estudava Sansa da cabeça aos pés.

— Agrada-me que tenhais posto as minhas pedras.

Então o rei decidira desempenhar hoje um papel galante. Sansa sentiu-se aliviada.

— Agradeço-vos por elas... e pelas vossas ternas palavras. Desejo-vos um afortunado dia do vosso nome, Vossa Graça.

— Sentai-vos — ordenou Joffrey, indicando-lhe com um gesto a cadeira vazia ao lado da sua. — Já vos informaram? O Rei Pedinte está morto.

— Quem? — Por um momento, Sansa sentiu receio de que ele se referisse a Robb.

— Viserys. O último filho do Rei Louco Aerys. Tem andado pelas Cidades Livres desde antes do meu nascimento, chamando a si próprio rei. Bem, a mãe diz que os dothraki finalmente o coroaram. Com ouro derretido. — Soltou uma gargalhada. — É engraçado, não é? O dragão era o seu símbolo. É quase tão bom como se um lobo qualquer matasse o traidor do vosso irmão. Talvez o dê a comer aos lobos depois de o capturar. Já vos disse que tenciono desafiar-lo para combate singular?

— Gostaria de assistir a isso, Vossa Graça — *Mais do que tu pensas.* Sansa manteve o tom calmo e educado, mas, mesmo assim, os olhos de Joffrey estreitaram-se enquanto tentava decidir se estaria a troçar dele. — Participareis hoje na liça? — perguntou ela rapidamente.

O rei franziu o sobrolho.

— A senhora minha mãe disse que não seria adequado, visto que o torneio é em minha honra. De outro modo, seria eu o campeão. Não é verdade, cão?

A boca do Cão de Caça retorceu-se.

— Contra estes tipos? E porque não?

Sansa lembrou-se de que *ele* fora campeão no torneio do pai.

— Ireis competir hoje, senhor? — perguntou-lhe.

A voz de Clegane soou repleta de desprezo.

— Nem valeria o esforço de me armar. Isto é um torneio de mosquitos.

O rei soltou uma gargalhada.

— O meu cão ladra ferozmente. Talvez deva ordenar-lhe que combata o campeão do dia. Até à morte. — Joffrey gostava de obrigar os homens a lutar até à morte.

— Ficaríeis com um cavaleiro a menos. — O Cão de Caça nunca prestara juramento de cavalaria. O irmão era um cavaleiro, e ele odiava o irmão.

Soou um toque de trombeta. O rei voltou a instalar-se na cadeira e tomou a mão de Sansa na sua. Em tempos, aquilo ter-lhe-ia posto o coração a galope, mas isso fora antes de ter respondido à sua súplica por misericórdia apresentando-lhe a cabeça do pai. Agora, o toque dele enchia-a de repulsa, mas sabia que não devia mostrá-la. Obrigou-se a ficar sentada, muito quieta.

— *Sor Meryn Trant da Guarda Real* — gritou um arauto.

Sor Meryn entrou, vindo do lado ocidental do pátio, trazendo cintilante aço branco encastado a ouro e montando um cavalo branco leitoso com uma crina cinzenta ondulada. O manto fluía atrás dele como um campo de neve. Transportava uma lança de três metros e meio.

— *Sor Hobber da Casa Redwyne, da Árvore* — cantou o arauto. Sor Hobber surgiu a trote, vindo de leste, montando um garanhão negro ajaezado em borgonha e azul. A sua lança era listada nas mesmas cores e o escudo ostentava o símbolo do cacho de uvas da sua Casa. Os gémeos Redwyne eram hóspedes involuntários da rainha, tal como Sansa. Esta perguntou a si própria de quem teria sido a ideia da sua participação no torneio de Joffrey. Deles não, pensou.

A um sinal do mestre das festividades, os combatentes assentaram as lanças e esporearam as montadas. Ouviram-se gritos vindos da assistência de guardas e de senhores e senhoras na galeria. Os cavaleiros chocaram no centro do pátio com um grande estrondo de madeira e aço. A lança branca e a listada explodiram em lascas com um segundo de diferença uma da outra. Hobber Redwyne oscilou com o impacto, mas de algum modo conseguiu manter-se a cavalo. Dando a volta aos cavalos na extremidade da liça, os cavaleiros deitaram fora as lanças quebradas e receberam substitutas das mãos dos escudeiros. Sor Horas Redwyne, irmão gémeo de Sor Hobber, gritou encorajamentos ao irmão.

Mas na segunda passagem, Sor Meryn deu um balanço à ponta da sua lança para atingir Sor Hobber no peito, derrubando-o da sela e fazendo-o estatelar-se com um retumbante estrondo no chão. Sor Horas soltou uma praga e correu a ajudar o maltratado irmão a sair do campo.

— Cavalo mal montado — declarou o Rei Joffrey.

— *Sor Balon Swann, de Pedrelmo, na Atalaia Vermelha* — soou o grito

do arauto. Grandes asas brancas ornamentavam o elmo de Sor Balon, e cisnes negros e brancos lutavam no seu escudo. — *Morros da Casa Slynt, herdeiro de Lorde Janos de Harrenhal.*

— Olhai-me para aquele estúpido arrivista — exclamou Joff, alto o suficiente para que metade do pátio o ouvisse. Morros, um mero escudeiro, e ainda por cima acabado de passar a essa condição, estava a sentir dificuldades em manejar a lança e o escudo. Sansa sabia que a lança era uma arma de cavaleiro, e os Slynt eram homens de baixo nascimento. Lorde Janos não fora mais do que comandante da Patrulha da Cidade antes de Joffrey o ter trazido para o conselho e lhe ter dado Harrenhal.

Espero que caia e se envergonhe, pensou com amargura. *Espero que Sor Balon o mate.* Quando Joffrey proclamara a morte do pai, fora Janos Slynt quem agarrara na cabeça cortada de Lorde Eddard pelo cabelo e a erguera bem alto para que o rei e a multidão a contemplassem, enquanto Sansa chorava e gritava.

Morros trazia uma capa de xadrez negro e dourado sobre uma armadura negra incrustada de arabescos dourados. O escudo exibia a lança ensanguentada que o pai escolhera como símbolo da sua nova casa. Mas não parecia saber o que fazer com o escudo enquanto incentivava o cavalo a avançar, e a ponta de Sor Balon atingiu o adorno em cheio. Morros deixou cair a lança, lutou por manter o equilíbrio e perdeu. Um pé prendeu-se num estribo quando caiu, e o cavalo em fuga arrastou o jovem até ao fim da liça, com a cabeça a ressaltar no chão. Joff soltou gritos de escárnio. Sansa ficou aterrada, perguntando a si própria se os deuses teriam escutado a sua prece vingativa. Mas quando desprenderam Morros Slynt do cavalo, encontraram-no coberto de sangue, mas vivo.

— Tommen, escolhemos o adversário errado para ti — disse o rei ao irmão. — O cavaleiro de palha justa melhor do que aquele.

De seguida, chegou a vez de Sor Horas Redwyne. Esteve melhor do que o irmão, vencendo um cavaleiro idoso, cuja montada estava adornada com grifos de prata sobre fundo listado de azul e branco. Apesar da magnificência que ostentava, o velho mostrou ser frágil oponente. Joffrey franziu o lábio.

— Isto é um espectáculo fraco.

— Eu preveni-vos — disse o Cão de Caça. — Mosquitos.

O rei estava a ficar entediado. Isso deixava Sansa ansiosa. Baixou os olhos e decidiu manter-se em silêncio, acontecesse o que acontecesse. Quando a disposição de Joffrey Baratheon se ensombrou, qualquer palavra ocasional podia despoletar uma das suas iras.

— *Lothor Brune, cavaleiro livre ao serviço de Lorde Baelish* — gritou o arauto. — *Sor Dontos, o Vermelho, da Casa Hollard.*

O cavaleiro livre, um homem pequeno numa armadura amolgada e sem símbolos, surgiu como devia ser na extremidade ocidental do pátio, mas do seu oponente não havia sinal. Por fim, um garanhão cor de avelã surgiu a trote no meio de um redemoinho de sedas carmim e escarlate, mas Sor Dontos não se encontrava sobre ele. O cavaleiro apareceu um momento mais tarde, praguejando e cambaleando, trazendo posta a placa de peito e o elmo com plumas, mas nada mais. Tinha as pernas brancas e magras, e o membro viril baloiçava obscenamente enquanto perseguia o cavalo. A audiência rugiu e berrou insultos. Apanhando o cavalo pelo freio, Sor Dontos tentou montar, mas o animal não ficava quieto e o cavaleiro estava tão bêbado que o pé nu não acertava no estribo.

Então já a multidão uivava de riso... todos menos o rei. Joffrey tinha uma expressão nos olhos de que Sansa se lembrava bem, a mesma expressão que mostrara no Grande Septo de Baelor no dia em que sentenciara à morte Lorde Eddard Stark. Por fim, Sor Dontos, o Vermelho, desistiu, sentou-se na terra e tirou o elmo emplumado.

— Perdi — gritou. — Tragam-me vinho.

O rei pôs-se em pé.

— Um casco da adega! Quero vê-lo afogado nele.

Sansa ouviu-se arquejar.

— *Não*, não podeis.

Joffrey virou a cabeça.

— O que dissestes?

Sansa não conseguia acreditar que falara. Estaria louca? Dizer-lhe *não* em frente de metade da corte? Não tencionara dizer nada, mas... Sor Dontos estava bêbado, disparatado e incapaz, mas não fora mal-intencionado.

— Dissestes que *não posso*? Dissestes?

— Por favor — disse Sansa. — Eu só quis dizer... seria má sorte, Vossa Graça... matar um homem no dia do vosso nome.

— Estais a mentir — disse Joffrey. — Devia afogar-vos também, se vos preocupais tanto com ele.

— Eu não me preocupo com ele, Vossa Graça. — As palavras saíram as tombos, desesperadamente. — Afogai-o ou mandai cortar-lhe a cabeça, mas... matai-o amanhã, se quiserdes, mas por favor... hoje não, não no dia do vosso nome. Não poderia suportar que tivésseis má sorte... uma sorte terrível, mesmo para reis, todos os cantores o dizem...

Joffrey franziu o sobrolho. Sabia que ela estava a mentir, podia vê-lo. Fá-la-ia sangrar por aquilo.

— A rapariga diz a verdade — arranhou o Cão de Caça. — O que um homem semeia no dia do seu nome, colhe ao longo do ano. — A voz era monocórdica, como se não lhe importasse nem um pouco se o rei

acreditava ou não. Poderia ser *verdade*? Sansa não sabia. Fora apenas algo que dissera, desesperada por evitar uma punição.

Pouco feliz, Joffrey moveu-se na cadeira e fez um gesto brusco com os dedos na direção de Sor Dontos.

— Levai-o. Mandarei matar esse tolo amanhã.

— E é o que ele é — disse Sansa. — Um tolo. Um bobo. Sois tão inteligente por o compreenderdes. Ele fica melhor como bobo do que como cavaleiro, não fica? Devíeis vesti-lo de retalhos e fazer dele vosso palhaço. Não merece a mercê de uma morte rápida.

O rei estudou-a por um momento.

— Talvez não sejais tão estúpida como a mãe diz. — Levantou a voz. — Ouvistes a minha senhora, Dontos? Deste dia em diante, sois o meu novo bobo. Podeis dormir com o Rapaz-Lua e vestir-vos de retalhos.

Sor Dontos, posto sóbrio por se ter roçado de perto na morte, caiu de joelhos.

— Agradeço-vos, Vossa Graça. E a vós também, minha senhora. Obrigado.

Enquanto um par de guardas Lannister o levava, o mestre das festividades aproximou-se do camarote.

— Vossa Graça — disse —, deverei chamar um novo adversário para Brune, ou prosseguir com a próxima justa?

— Nem uma coisa nem outra. Isto são mosquitos, e não cavaleiros. Tê-los-ia condenado a todos à morte se não fosse dia do meu nome. O torneio acabou. Levai-os a todos para longe da minha vista.

O mestre das festividades fez uma vénia, mas o Príncipe Tommen foi menos obediente.

— Eu ia investir contra o homem de palha.

— Hoje não.

— Mas eu quero.

— Não me interessa o que tu queres.

— A mãe *disse* que eu podia.

— É verdade — concordou a Princesa Myrcella.

— A mãe *disse* — troçou o rei. — Não sejas infantil.

— Somos crianças — declarou Myrcella com altivez. — É *suposto* sermos infantis.

O Cão de Caça soltou uma gargalhada.

— Ela aqui apanhou-vos.

Joffrey aceitou a derrota.

— Muito bem. Nem o meu irmão poderá justar pior do que os outros. Mestre, trazei o manequim, Tommen quer ser um mosquito.

Tommen soltou um grito de alegria e correu para ser preparado, com

as pequenas pernas roliças a bater com força no chão.

— Boa sorte — gritou-lhe Sansa.

Colocaram o manequim na extremidade mais distante da liça enquanto o pônei do príncipe era selado. O oponente de Tommen era um guerreiro de couro do tamanho de uma criança, estofado com palha e montado num eixo, com um escudo numa mão e uma maça acolchoada na outra. Alguém atara um par de hastes de veado à cabeça do cavaleiro. Sansa lembrava-se que o pai de Joffrey, o Rei Robert, usara hastes no elmo, mas também as usava o Lorde Renly, irmão de Robert, que se tornara traidor e se fizera coroar rei.

Um par de escudeiros afivelou o príncipe à sua ornamentada armadura de prata e carmim. Uma grande crista de penas vermelhas jorrava do topo do seu elmo, e o leão de Lannister e o veado coroado de Baratheon brincavam juntos no seu escudo. Os escudeiros ajudaram-no a montar, e Sor Aron Santagar, mestre-de-armas da Fortaleza Vermelha, avançou e entregou a Tommen uma espada prateada sem fio com uma lâmina em forma de folha, concebida para se ajustar a uma mão de oito anos.

Tommen ergueu a lâmina bem alto.

— Rochedo Casterly — gritou numa aguda voz de rapaz ao bater com os calcanhares no pônei e começar a investida contra o manequim. A Senhora Tanda e o Lorde Gyles lançaram-se em incentivos descontraídos, e Sansa juntou a sua voz à deles. O rei cismava em silêncio.

Tommen pôs o pônei a trote ligeiro, brandiu vigorosamente a espada, e deu um golpe sólido no escudo do cavaleiro quando passou por ele. O manequim rodopiou, a maça voou e foi dar uma valente cacetada na nuca do príncipe. Tommen caiu da sela, fazendo retinir a sua armadura nova como um saco de penicos velhos ao atingir o chão. A espada voou para longe, o pônei fugiu a meio galope pelo pátio fora, e uma grande rajada de troça agitou o ar. O Rei Joffrey foi de todos quem riu mais e durante mais tempo.

— Oh — gritou a Princesa Myrcella. Saltou do camarote e correu para o irmão mais novo.

Sansa deu por si possuída por uma estranha coragem leviana.

— Devíeis ir com ela — disse ao rei. — O vosso irmão pode estar ferido.

Joffrey encolheu os ombros.

— E se estiver?

— Devíeis ajudá-lo a pôr-se em pé e dizer-lhe que montou bem. — Sansa não parecia conseguir calar-se.

— Foi derrubado do cavalo e caiu ao chão — fez notar o rei. — Isso não é montar bem.

— Olhai — interrompeu o Cão de Caça. — O rapaz tem coragem. Vai voltar a tentar.

Estavam a ajudar o Príncipe Tommen a montar o seu pônei. *Se ao menos Tommen fosse o mais velho em vez de Joffrey*, pensou Sansa. *Não me importaria de casar com Tommen.*

Os sons vindos da casa do portão apanharam-nos de surpresa. Correntes retiniram quando a porta levadiça foi içada, e os grandes portões abriram-se entre rangidos de dobradiças de ferro.

— Quem lhes disse para abrir o portão? — exigiu saber Joff. Com a agitação na cidade, os portões da Fortaleza Vermelha estavam fechados havia dias.

Uma coluna de homens a cavalo emergiu de sob a porta levadiça, com tinidos de aço e ruídos de cascos. Clegane deu um passo para mais perto do rei, com uma mão no cabo da espada. Os visitantes vinham descompostos, amolgados e empoeirados, mas o estandarte que transportavam era o leão de Lannister, dourado no seu fundo carmesim. Alguns usavam os mantos vermelhos e a cota de malha de homens de armas Lannister, mas a maioria eram cavaleiros livres e mercenários, com armaduras desemparelhadas e eriçados de aço aguçado... e havia outros, selvagens monstruosos saídos de uma das histórias da Velha Ama, as assustadoras que Bran costumava adorar. Trajavam peles puídas e couro fervido, e usavam cabelo comprido e ferozes barbas. Alguns traziam ligaduras manchadas de sangue na testa ou enroladas nas mãos e braços, e a outros faltavam olhos, orelhas e dedos.

No meio dos homens, montado num grande cavalo vermelho com uma estranha sela alta que o embalava para trás e para diante, estava o irmão anão da rainha, Tyrion Lannister, aquele a quem chamavam Duende. Deixara crescer a barba até lhe cobrir a cara enfiada para dentro e se transformar num hirsuto emaranhado de pêlos amarelos e negros, duros como arames. Pelas suas costas, caía um manto de pele de gato-das-sombras, de pêlo negro às riscas brancas. Trazia as rédeas na mão esquerda e o braço direito vinha enfiado numa tira de seda branca, mas fora isso parecia tão grotesco como Sansa o recordava da altura da sua visita a Winterfell. Com a sua testa proeminente e olhos de cor diferente, ainda era o homem mais feio que ela alguma vez calhara ver.

Mas Tommen espetou as esporas no pônei e galopou precipitadamente pelo pátio fora, gritando de deleite. Um dos selvagens, um homem enorme e desajeitado, tão peludo que a cara quase lhe desaparecia por entre a barba, puxou o rapaz da sela, com armadura e tudo, e depositou-o no chão ao lado do tio. O riso sem fôlego de Tommen ecoou nas muralhas quando Tyrion lhe deu uma palmada na placa das costas, e Sansa sobressaltou-se ao notar que os dois eram da mesma altura. Myrcella veio a correr atrás do irmão, e

o anão pegou-lhe pela cintura e fê-la rodopiar aos círculos, gritando.

Quando a voltou a pôr no chão, o pequeno homem deu-lhe um beijo leve na testa e bamboleou-se através do pátio, na direção de Joffrey. Dois dos seus homens seguiram-no de perto; um mercenário de cabelo e olhos negros que se movia como um gato a caçar, e um jovem magro com uma órbita vazia no local onde um olho deveria estar. Tommen e Myrcella vieram atrás deles.

O anão caiu sobre um joelho em frente do rei.

— Vossa Graça.

— Vós — disse Joffrey.

— Eu — concordou o Duende —, se bem que uma saudação mais cortês talvez fosse mais apropriada para um tio e um homem mais velho.

— Disse-se que estáveis morto — disse o Cão de Caça.

O pequeno homem deitou um olhar ao grande. Um dos seus olhos era verde, o outro negro e ambos frios.

— Falava com o rei, não com o seu cachorro.

— *Eu* estou feliz por não estardes morto — disse a Princesa Myrcella.

— Partilhamos essa opinião, querida filha. — Tyrion virou-se para Sansa. — Minha senhora, lamento as vossas perdas. Os deuses são deveras cruéis.

Sansa não conseguiu encontrar uma só palavra para lhe dizer. Como podia ele lamentar as suas perdas? Estaria a troçar dela? Não eram os deuses que eram cruéis, era Joffrey.

— Lamento também a vossa perda, Joffrey — disse o anão.

— Que perda?

— O vosso real pai? Um homem grande e feroz com uma barba negra; recordá-lo-eis se fizerdes um esforço. Foi rei antes de vós.

— Oh, *ele*. Sim, foi muito triste, um javali matou-o.

— É isso o que “se” diz, Vossa Graça?

Joffrey franziu o sobrolho. Sansa sentiu que devia dizer qualquer coisa. O que era que a Septã Mordane costumava dizer-lhe? *A armadura de uma senhora é a cortesia*, era isso. Colocou a sua armadura e disse:

— Lamento que a senhora minha mãe vos tenha tomado prisioneiro, senhor.

— Há muitas pessoas que lamentam isso — respondeu Tyrion — e antes que eu termine o que tenho a fazer, algumas poderão lamentá-lo um pouco mais... no entanto, agradeço-vos o sentimento. Joffrey, onde poderei encontrar a vossa mãe?

— Ela está com o conselho — respondeu o rei. — O vosso irmão Jaime anda só a perder batalhas. — Deitou a Sansa um olhar zangado, como

se fosse culpa *dela*. — Foi capturado pelos Stark e perdemos Correrrio, e agora o estúpido irmão dela intitula-se rei.

O anão fez um sorriso torto.

— Nos dias que correm, todos os tipos de gente se intitulam reis.

Joff não soube o que pensar daquilo, embora fizesse uma expressão de suspeita e de não estar satisfeito.

— Sim. Bem. Agrada-me que não estejais morto, tio. Haveis-me trazido algum presente para o dia do meu nome?

— Sim. A minha inteligência.

— Preferiria a cabeça de Robb Stark — disse Joff com um relance maldoso para Sansa. — Tommen, Myrcella, vinde.

Sandor Clegane deixou-se ficar um momento para trás.

— Eu tinha cuidado com essa tua língua, homenzinho — preveniu, antes de se afastar a passos largos atrás do seu senhor.

Sansa foi deixada com o anão e os seus monstros. Tentou pensar no que poderia dizer mais.

— Haveis ferido o braço — disse por fim.

— Um dos vossos nortenhos atingiu-me com uma maça de armas durante a batalha no Ramo Verde. Escapei-lhe caindo do cavalo. — O seu sorriso transformou-se em algo de mais suave enquanto lhe estudava o rosto. — É o desgosto pelo senhor vosso pai que vos deixa tão triste?

— O meu pai era um traidor — disse Sansa de imediato. — E o meu irmão e a senhora minha mãe são também traidores. — Aprendera depressa aquele reflexo. — Eu sou leal ao meu amado Joffrey.

— Sem dúvida. Tão leal como uma corça rodeada de lobos.

— Leões — sussurrou ela, sem pensar. Olhou em volta nervosamente, mas ninguém estava suficientemente perto para ouvir.

O Lannister estendeu a mão, tomou a dela na sua e apertou-a.

— Eu sou só um pequeno leão, filha, e juro que não vos morderei. — Com uma vénia, disse: — Mas agora deveis desculpar-me. Tenho assuntos urgentes a tratar com a rainha e o conselho.

Sansa ficou a vê-lo afastar-se, com o corpo a oscilar pesadamente de um lado para o outro a cada passo, como algo saído de um circo de aberrações. *Fala com mais gentileza do que Joffrey, pensou, mas a rainha também me falou com gentileza. É na mesma um Lannister, irmão dela e tio de Joff, e não é amigo.* Em tempos amara o Príncipe Joffrey de todo o coração, e admirara e confiara na mãe dele, a rainha. Tinham pago esse amor e confiança com a cabeça do seu pai. Sansa nunca mais voltaria a cometer o mesmo erro.